

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ROGÉRIO BASZTABIN

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES COM UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIA NO
TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE NOS
PROCESSOS DE ENSINO APRENDIZAGEM**

CURITIBA

2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ROGÉRIO BASZTABIN

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES COM UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIA NO
TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE NOS
PROCESSOS DE ENSINO APRENDIZAGEM**

Dissertação apresentada do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Alcântara.

CURITIBA

2007

B327f Basztabin, Rogério
2007 Formação de professores com utilização de tecnologia no transtorno de déficit de atenção/hiperatividade nos processos de ensino aprendizagem / Rogério Basztabin ; orientador, Paulo Roberto Alcântara. – 2007.
101 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2007
Bibliografia: f. 87-90

1. Distúrbio da falta de atenção com hiperatividade. 2. Professores – Formação. 3. Tecnologia educacional. 4. Aprendizagem. I. Alcântara, Paulo Roberto. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 20. ed. – 618.928589
371.12

ROGÉRIO BASZTABIN

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES COM UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIA NO
TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE NOS
PROCESSOS DE ENSINO APRENDIZAGEM**

Dissertação apresentada do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Roberto Alcântara
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Prof. Dra. Marilda Aparecida Behrens
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Prof. Dra. Iolanda B. C. Cortelazzo
Universidade Tuiuti do Paraná

Curitiba, _____ de _____ de 2007.

**Dedico, a minha mãe e a minha esposa, que abriram mão de minha companhia,
para que este trabalho fosse possível.**

AGRADECIMENTOS

A Deus por propiciar-me saúde e paz no coração para continuar minha jornada.

Ao Prof. Dr. Paulo R. Alcantara por me apoiar em tantos momentos difíceis vividos, tornando-se mais do que um orientador, sendo um grande amigo com seus sábios conselhos que tanto me ajudaram nas horas em que precisei.

A todos os professores que me apoiaram e contribuíram de forma direta ou indireta para o meu trabalho, em especial à Profa. Dra. Marilda Aparecida Behrens.

A minha mãe, principalmente por ter me transmitido valores, os quais me levaram a enfrentar os desafios inerentes aos estudos superiores.

A minha esposa por me apoiar nos momentos de tensão, além de compreender a necessidade de minha ausência durante as longas horas dedicadas a este estudo.

A Mauroel Brizola Negrão por todo suporte técnico que tornou possível a realização deste trabalho.

"Se andarmos apenas por caminhos já traçados,
chegaremos apenas aonde os outros já chegaram"

Alexandre Grahm Bell (1874 – 1922).

RESUMO

O propósito do estudo foi de investigar a possibilidade de oferecer formação aos professores do ensino básico com o recurso de acesso à tecnologia para subsidiar o preparo para trabalhar junto aos alunos que apresentam Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDA/H). Tratou-se de uma pesquisa do tipo exploratório descritiva de cunho qualitativo. Participaram do estudo doze professores de uma escola particular situada na região metropolitana de Curitiba, Paraná. Para realizar a coleta de dados foram empregados os seguintes instrumentos: (a) questionário inicial de conhecimento; (b) questionários de avaliação de módulos; e (c) observações diretas. Os resultados indicaram que a aprendizagem colaborativa parece ter possibilitado ao corpo docente a ampliação do conhecimento sobre TDA/H. Conclui-se que a aprendizagem colaborativa parece ser uma metodologia inovadora, que além de ter permitido a construção de conhecimento do grupo de professores, tornou-os mais coesos, dinâmicos, e capazes de propiciar a interação e a inclusão dos alunos com TDA/H na escola. O estudo buscou sustentação teórica em autores como: Behrens, Alcântara, Moran, Santos, dentre outros.

Palavras-chave: TDA/H; Formação de Professores; Recursos Tecnológicos, Aprendizagem Colaborativa; Formação Continuada.

ABSTRACT

The purpose of the study was to investigate the possibility of offering elementary school teacher development with resource access to technology that may support their preparation to work with learners with Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD). It was a descriptive exploratory and qualitative research. Participated in the study twelve teachers from a private school located in the metropolitan region of Curitiba, Paraná. The following data collection instruments were used: (a) initial knowledge questionnaire; (b) modules evaluation questionnaires; and (c) direct observations. The results indicated that the collaborative learning seemed to have allowed the faculty members to increase their knowledge about ADHD. In conclusion, collaborative learning seemed to be an innovative methodology, which permitted the group's knowledge building, allowing them to become more coherent, dynamic, and able to propitiate the ADHD students' interaction and inclusion at the school. The study was theoretically based on authors as Behrens, Alcantara, Moran, Santos, among others.

Keywords: ADHD; Teacher Development; Technological Resources, Collaborative Learning; Continued Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Imagem de site de busca utilizado no módulo 02	55
Figura 2	Imagem da tela de apresentação de resultados	56
Figura 3	Incidência de respostas sobre o ouvir falar sobre TDA/H	63
Figura 4	Incidência de casos de TDA/H presenciados	63
Figura 5	Incidência de casos de convívio com TDA/H	64
Figura 6	Conhecimento de tratamentos voltados ao TDA/H	65
Figura 7	Incidência de dúvidas sobre TDA/H	65
Figura 8	Incidência de busca de conhecimentos sobre TDA/H	66
Figura 9	Presença de informações sobre TDA/H na escola	67
Figura 10	Conhecimento de pessoas que saibam sobre TDA/H	67
Figura 11	TDA/H e sua influência em sala de aula	68
Figura 12	Possibilidade da escola em se adaptar ao TDA/H	68
Figura 13	Preconceito em relação ao TDA/H	69
Figura 14	Interesse por conhecimentos sobre TDA/H	69
Figura 15	Aceitação da escola por capacitações	70
Figura 16	Influência facilitadora da capacitação	70
Figura 17	Sentimento pessoal no módulo 1	72
Figura 18	Pertinência dos conteúdos no módulo 1.....	72
Figura 19	Esclarecimento de dúvidas no módulo 1	73
Figura 20	Temas abordados e o esclarecimento de dúvidas no módulo	73
Figura 21	Satisfação com relação ao tempo do módulo	74
Figura 22	Sentimento pessoal no módulo 2	74
Figura 23	Pertinência dos conteúdos no módulo 2	75
Figura 24	Esclarecimento de dúvidas no módulo 2	75
Figura 25	Temas abordados e o esclarecimento de dúvidas no módulo	76
Figura 26	Satisfação com relação ao tempo do módulo 2	76
Figura 27	Sentimento pessoal no módulo 3	77
Figura 28	Pertinência dos conteúdos no módulo 3	78
Figura 29	Esclarecimento de dúvidas no módulo 3	78
Figura 30	Temas abordados e o esclarecimento de dúvidas no módulo 3 .	78

Figura 31	Satisfação com relação ao tempo do módulo 3	79
Figura 32	Sentimento pessoal no módulo 4	80
Figura 33	Pertinência dos conteúdos no módulo 4	80
Figura 34	Esclarecimento de dúvidas no módulo 4	81
Figura 35	Temas abordados e o esclarecimento de dúvidas no módulo 4 .	81
Figura 36	Satisfação com relação ao tempo do módulo 4	82

LISTA DE SIGLAS

CENEP	CENTRO DE NEUROPEDIATRIA DO PARANÁ
DDA	DISTÚRPIO DE ATENÇÃO
DSM	MANUAL DIAGNÓSTICO DOS DISTÚRBIOS MENTAIS
PUC-PR	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
TDA/H	TRANSTORNO OU DÉFICIT DE ATENÇÃO / HIPERATIVIDADE
TIC	TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
UFPR	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	16
1.2 OBJETIVOS	16
1.2.1 Objetivo geral.....	16
1.2.2 Objetivos específicos.....	17
2 APRENDIZAGEM COLABORATIVA	19
3 PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES COM UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIA (INTERNET)	26
3.1 PAPEL DO PROFESSOR NA ATUALIDADE	29
4 A INTERFERENCIA DO TRANSTORNO DE DEFICIT DE ATENÇÃO- HIPERATIVIDADE NA APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO BÁSICA	32
4.1 TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE.....	32
4.2 TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE – CAUSAS, DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO.....	35
4.3 A INTERFERÊNCIA DO TDA/H NA APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS.....	39
5 CAMINHOS DA PESQUISA	42
5.1 FASES DA PESQUISA.....	43
5.2 DESCRIÇÃO DE INTEGRANTES DO GRUPO DE CAPACITAÇÃO	48
5.3 DESCRIÇÃO DOS MÓDULOS DE CAPACITAÇÃO	48
5.3.1 Módulo 01	49
5.3.2 Módulo 02	50
5.3.3 Módulo 03	51
5.3.4 Módulo 04	52
5.4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS CONTRIBUIÇÕES DOS PROFESSORES NOS DOS MÓDULOS APLICADOS	54
5.5 INSTITUIÇÃO	60
5.5.1 Breve histórico da instituição (1994 – 2007)	61
5.6 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA 1ª FASE DA PESQUISA	62
5.7 ANÁLISE DOS DADOS DA 2ª FASE DA PESQUISA: FORMAÇÃO DOS PROFESSORES COM UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIA SOBRE O TAD/H.....	71
5.7.1 Módulo 01	72

5.7.2 Módulo 02	74
5.7.3 Módulo 03	77
5.7.4 Módulo 04	79
5.8 COMENTÁRIOS GERAIS DA PESQUISA	82
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	87
APÊNDICES	91
APÊNDICE A: CARTA À DIRETORIA	92
APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO	94
APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO INICIAL AOS PROFESSORES	96
APÊNDICE D: SUGESTÃO DE SITES INFORMATIVOS PARA PROFESSORES	98
APÊNDICE E: QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO MÓDULO	100

1 INTRODUÇÃO

Na condição de psicólogo e psicopedagogo, durante trabalho de pesquisa realizado em parceria com a PUC-PR, UFPR, CENEP, Prefeitura de Curitiba e Universidade da Califórnia sobre o tema TDA/H (Transtorno ou Déficit de Atenção/ com ou sem Hiperatividade) no período de 2005 a 2007, verificou-se a grande incidência de casos na rede pública (professores relataram a presença de ao menos um caso suspeito por sala de aula) e o desconhecimento parcial ou total por parte de professores sobre o assunto ou sobre como lidar com o TDA/H. Esse fato foi detectado por meio de questionários e encontros entre a equipe de pesquisa e os professores.

De forma resumida pode-se indicar este trabalho de pesquisa como o início do processo, pois, foi uma tentativa de verificar a real causa do TDA/H e a partir desta, procurar um tratamento eficaz, visto que os medicamentos atuais não eliminam o problema, simplesmente amenizam os sintomas tornando o sujeito dependente dos mesmos medicamentos.

Esta pesquisa em parceria com a PUC-PR, UFPR, CENEP, Prefeitura de Curitiba e Universidade da Califórnia serviu de base para esta dissertação. Esta experiência instigou a investigar o tema da formação de professores sobre TDA/H na sala de aula, visto que durante as palestras que ministrei aos professores e pais de alunos da rede pública foi possível, por meio de questionários, verificar um baixo nível de informação dos mesmos a respeito do TDA/H.

A temática se tornou relevante visto que o TDA/H se manifesta inicialmente em crianças, na grande maioria dos casos. Este distúrbio acompanha a pessoa até a vida adulta influenciando desde sua aprendizagem até mesmo o convívio com as demais pessoas. Causa transtornos a quem o possui e a quem convive com uma pessoa que tenha TDA/H. Sendo assim, encontra-se a necessidade dos professores saberem como lidar com este distúrbio desde o ensino básico para não causar mais danos ou transtornos às pessoas que possuem TDA/H ou convivem com os mesmos.

Levando-se em conta que um jovem passa aproximadamente metade do seu dia com sua família e a outra metade na escola convivendo com professores e colegas, percebe-se a necessidade de preparar esse professor para que saiba lidar

com as características do TDA/H tornando assim a convivência mais saudável e produtiva para ambas as partes.

Como uma das características principais do TDA/H é a desatenção, o docente precisa ter em mãos recursos e ferramentas que possam estimular a atenção de seus alunos. Dentre estas ferramentas encontram-se recursos midiáticos como a própria Internet além de outros recursos que possibilitam a estimulação visual e auditiva deste aluno, pois como comenta Torres e Marriott (2005), a representação visual ordenada e estruturada contribui para a retenção do conteúdo ajudando significativamente no processo de aprendizagem. Apesar dessas autoras não trabalharem diretamente com TDA/H, a experiência delas com o uso de recursos midiáticos é marcante, permitindo uma transferência de conhecimento para o tema de estudos dessa pesquisa, e sendo assim, pode-se afirmar que estes recursos podem auxiliar na educação das pessoas que possuem TDA/H, de forma a amenizar a sua desatenção.

Outro aspecto importante é a prática reflexiva no ofício de professor de Perrenoud (2002) que, vem demonstrar a necessidade do professor em refletir sobre si mesmo, suas ações e sobre seus alunos, procurando se adaptar constantemente ao meio. Não cabe a ele mais a simples função de transmitir e receber conteúdos, além disto, surge a necessidade de entender como são recebidos esses conteúdos e assim sendo facilitar a transmissão. Esta adaptação vem de encontro às necessidades das pessoas que possuem TDA/H, visto que cada caso é um caso singular e por isso necessita de adaptações especiais que possam melhorar seu desempenho e comportamento em sala de aula.

A intenção deste trabalho não é querer entender as infinitas diversidades de alunos e suas complexidades no que diz respeito ao receber e retornar conteúdos no processo de aprendizagem, mas sim procurar esclarecer as dificuldades que envolvem o processo de ensino-aprendizagem quando se depara com uma ou mais pessoas que possuam TDA/H. Assim sendo, por meio de questionários voltados aos professores, foi possível analisar suas principais dificuldades a respeito do assunto e elaborar uma capacitação que teve a intenção de, por intermédio de aprendizagem colaborativa, aprimorar seus conhecimentos sobre o TDA/H.

A presente pesquisa se justifica, tal como Suzuki (2005) enfatiza o preparo dos professores para atender o TDA/H por ser um dos distúrbios mais comuns na infância, sendo mais freqüente que a paralisia cerebral, a epilepsia e a deficiência

mental. Mesmo alguns autores como Suzuki, demonstrando preocupação com o TDA/H, a população docente ainda parece carecer de informações básicas, as quais poderão facilitar tanto o trabalho docente quanto o desenvolvimento dos que possuem TDA/H.

Outro aspecto que pode contribuir para esta falta de informação é o não investimento do governo no TDA/H. Por intermédio de noticiários, jornais e demais reportagens, podemos verificar que este final de século tem sido marcado pela velocidade, tanto na informação como no desenvolvimento em diversas áreas da saúde e variados tratamentos, que de forma conjunta conseguiram aumentar a longevidade dos seres humanos. Mas nem todos foram contemplados com estes avanços tecnológicos, sociais e econômicos. Desde populações mais carentes, até grupos de pessoas com TDA/H, ainda sofrem pela falta de informação e investimentos em suas áreas. Como comenta Hallowell (1999, p. 337):

Em muitos aspectos, nossa compreensão da biologia do DDA está engatinhando. As próximas décadas serão mais estimulantes à medida que nossa capacidade de testar, medir e avaliar os processos biológicos envolvidos nos distúrbios neurobiológicos se expandir.

Pois, de que serve a pessoa com TDA/H ter uma vida longa se não possuir qualidade de vida. Qualidade esta que vem desde o respeito e compreensão de sua situação até a busca de maiores informações e tratamentos, que possam minimizar suas dificuldades ou até mesmo saná-las.

Da mesma forma que não se resolve a situação impondo uma inclusão em salas de aula se não for feita uma capacitação à equipe envolvida, para que se possa entender e atender os inclusos. Sem este básico começo, poder-se-á comparar os inclusos como peças de museu as quais estão ali presentes para contemplação de uma sociedade, mas ao mesmo tempo muitas vezes não são nem entendidas e nem valorizadas, perdendo-se no tempo e no espaço a fim de servir apenas como jogo político. O qual se afirma fazer algo, mas não quer dizer que se tem feito o correto ou o necessário.

Nem sempre é necessário grandes investidas para se obter bons resultados, por vezes uma simples atitude como o respeito e a atenção desencadeiam maiores resultados. Não são necessários, embora não sejam rejeitados, grandes investimentos financeiros para se poder melhorar a condição de vida. Por mais que

uma busca aprofundada de cura para o TDA/H gaste tempo e dinheiro, simples atitudes como a compreensão e adaptação dos que estão envolvidos, pode facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Visto que pesquisas como as de Suzuki (2005) demonstram que o TDA/H está presente em praticamente todas as salas de aula, de forma direta ou indireta, e que, muitos professores não possuem conhecimento de como lidar com pessoas com TDA/H, este trabalho pretende atuar junto aos professores de forma a capacitá-los em metodologias que facilitem o ensino-aprendizagem e o convívio com alunos que apresentam TDA/H. Neste contexto, como problema de pesquisa optou-se por investigar: Como oferecer formação para professores da educação básica que permita acessar os conhecimentos fundamentais sobre o TDA/H num processo de aprendizagem colaborativa que subsidie os docentes na atuação adequada frente ao distúrbio?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Investigar a possibilidade de oferecer formação aos professores do ensino básico com o recurso de acesso à tecnologia para subsidiar o preparo para atuar junto aos alunos que apresentam TDA/H.

1.2.2 Objetivos específicos

- Investigar o nível de conhecimento do corpo docente na rede de ensino de Curitiba, a respeito do TDA/H.
- Pesquisar recursos midiáticos que possam melhorar o desempenho das pessoas com TDA/H, a fim de propor procedimentos pedagógicos para docentes sobre o tema TDA/H com a utilização de recursos midiáticos.
- Propor ao professor um aprimoramento que possibilite a avaliação a respeito do TDA/H na educação básica.
- Contribuir assim com pontos norteadores que auxiliem no atendimento aos alunos portadores do TDA/H.

As perspectivas de aplicação da aprendizagem colaborativa voltada à formação de professores com o uso da tecnologia na temática TDA/H têm caráter prático e imediato, a partir da demonstração de que tal aplicação trará benefícios insofismáveis e de elevado alcance social para aqueles que recorrem ao ensino democratizado e justo para verem atendidos seus direitos.

Demonstrados os possíveis benefícios do emprego da metodologia de aprendizagem colaborativa aplicada à formação de professores com a utilização da tecnologia na temática TDA/H na Escola, a presente dissertação pode tornar-se fonte de consulta para os professores e pesquisadores, que assim desejarem ingressar neste universo de aprendizagem moderno e democrático e assim aprimorar seus processos de ensino/aprendizagem.

O interesse partiu da observação quanto aos problemas das práticas de ensino/aprendizagem vivenciados por este pesquisador psicólogo e professor integrante do corpo docente da Escola, no qual, por meio de questionários e observação direta, procedeu-se à pesquisa de campo, agregando-a aos conhecimentos já adquiridos por este, em diversas instituições de ensino, bem como nesta instituição, permitindo, assim, empregar diversos conhecimentos adquiridos durante anos de atividade técnico-profissional e docente como psicólogo e professor integrante desta Escola.

É notório o fato de qualquer tipo de trabalho científico apresentar determinadas limitações. Tais limites explicam-se por que os assuntos tratados

ocorrem, via de regra, em ambientes dinâmicos, com as mudanças ocorrendo em grande velocidade e escala. Com isso, é inegável que, findo determinado estudo, não só determinadas variáveis deixem de ser analisadas, como diversas outras apareçam – ou possam aparecer – durante o transcorrer da elaboração da pesquisa, entendendo-se ainda que esta pesquisa restringe-se a esta Escola, situada em Curitiba.

Cabe ressaltar, que os resultados alcançados por esta pesquisa terão em vista a possível aplicação voltada para tal unidade da Escola, e sua validade restrita às circunstâncias encontradas. Tais resultados não devem ser, generalizados, mas sim adaptados às condições e situações presentes em outras unidades e respectivas localidades. Entende-se, assim, que os frutos desta pesquisa não são um modelo acabado, pois o dinamismo com que as teorias evoluem acabam por excluir tal possibilidade.

Deve ficar claro o esforço do pesquisador em manter o máximo possível sua postura de neutralidade, ao proceder ao tratamento dos dados e emitir as considerações e conclusões. Desta forma, esta dissertação visou analisar os fatores que possam justificar a implantação da formação de professores com o uso de tecnologias, em especial a internet na aprendizagem de aprendizagem colaborativa no universo da temática TDA/H, a fim de demonstrar as vantagens de seu emprego para uma melhora na qualidade do ensino prestado aos alunos da Escola.

Assim, este trabalho científico teve a finalidade de investigar como o processo de formação de professores com o uso das tecnologias, em especial, a internet, dentro da temática TDA/H é realizada hoje e como poderiam ser melhorados, exemplificando com um instrumento de abordagem formativa. O trabalho não possui a pretensão de apresentar todos os instrumentos existentes na aprendizagem colaborativa, já que sabidamente a quantidade de métodos é bastante extensa e complexa.

Apresentados os aspectos básicos da investigação realizada, convém explicitar melhor as questões relativas à problemática encontrada. Assim, serão definidos e apresentados o problema, as hipóteses levantadas e os objetivos da pesquisa, além da relevância da pesquisa e os fatores limitantes desta. Enquanto fundamentação teórica buscou-se a abordagem dos itens mencionados que se encontram nos capítulos, a saber:

No primeiro capítulo, o processo de pesquisa aborda aprendizagem colaborativa, descrevendo o que é e como acontecem, quais seus fundamentos e pontos referenciais desta metodologia.

No segundo capítulo, apresenta-se a Formação de professores com utilização de tecnologia (Internet)

No terceiro capítulo, trata-se do TDA/H - Cunho teórico apresentando seus conceitos e característica com base na literatura científica inerente.

No quarto capítulo, abordam-se os caminhos da pesquisa e os resultados da pesquisa obtidos.

2 APRENDIZAGEM COLABORATIVA

O mundo sofreu grandes mudanças e transformações no decorrer do século XX e início do Terceiro Milênio, motivadas pela competitividade cada vez mais acirrada. O desenvolvimento científico e tecnológico e a abertura de mercados resultante do processo de globalização, também exercem seu papel neste processo. Os avanços na área da tecnologia da informação impulsionam novos negócios, derrubam barreiras, encurtam caminhos, aproximam pessoas e democratizam a informação. Com isso, muitos dos hábitos e costumes da humanidade que se sedimentaram ao longo do tempo sob a forma de verdadeiros paradigmas acabam sendo alterados, influenciando o imaginário das pessoas na assim chamada “aldeia global”.

Na educação não é diferente, ao longo do tempo a educação também apresenta mudanças, sobretudo em seus processos metodológicos de ensino/aprendizagem, que vem sofrendo alterações consideráveis a fim de atender as demandas do mundo do trabalho (BEHRENS et al., 2006). Desta forma os professores, deparam-se diante de um novo desafio. Desafio este de assumir uma atitude colaborativa, participativa de forma ativa e dinâmica em relação à aprendizagem.

Assim, pode-se dizer que a aprendizagem colaborativa é uma forma inovadora de trabalho em grupo. Esta é de fato uma modalidade que se apresenta como alternativa ao processo tradicional de ensino/aprendizagem, que era centrado

no professor, que por sua vez apenas transmitia a informação enquanto o aluno repetia a mesma sem crítica alguma (BEHRENS, 2003; FERREIRA-ALVES, 2005).

Neste sentido Santos (2006, p.5) se junta a Behrens e Ferreira-Alves quando propõe que:

O conceito de aprendizagem colaborativa implica na necessidade de substituir o tradicional método de educação “instrucional”, composto por aulas expositivas, palestras e estudos individuais por um novo modelo, onde alunos possam construir conhecimento por meio da criação ativa, cabendo ao professor o papel de coordenar e facilitar esse processo.

Ferreira-Alves (2007) observa que a aprendizagem colaborativa exerce um papel democrático, uma vez que os integrantes do processo são tratados da mesma forma, ou seja, como iguais. Na aprendizagem colaborativa o grupo se reúne ao acaso, sem a interferência do professor, desempenhando tarefas, tendo por norte objetivo comum (FERREIRA-ALVES, 2007, p. 4).

Por outro lado Batista in Ferreira-Alves (2006, p. 4) lembra que “a cooperação é quando partes de um coletivo trabalham individualmente e depois tudo se junta como uma “colcha de retalhos”. O que no caso da colaboração não ocorre, já que esta leva a uma construção estruturada como resultado do esforço colaborativo dos integrantes do grupo. Logo, cooperação não é sinônimo de colaboração.

Assim, Batista (2004) entende sujeito colaborativo como aquele que se realiza na realização dos outros membros do grupo, neste sentido, lembra que não é possível reconhecer um sujeito colaborativo no meio de um aglomerado de pessoas, mais sim, como integrante de um todo, contribuindo com sua parte para alcançar um fim comum.

Na verdade o autor infere que a colaboração se dá quando há interação entre as partes envolvidas no processo de aprendizagem sob a forma de colaboração, ou seja, quando muitos se reúnem e trabalham em prol de um objetivo comum, sem que seja um mero aglomerado de pessoas trabalhando de forma individual.

Torres e Alcantara (2004) afirmam que a aprendizagem colaborativa é uma forma metodológica alternativa à metodologia tradicional de ensino/aprendizagem, já que esta vem mudar a maneira de ensinar utilizando para tanto a influência entre os pares. Lembra ainda que neste modelo os alunos devam rever seus conceitos, por

intermédio de diálogo e assim discutir os assuntos a fim de chegar a um acordo comum.

O autor então lembra que a aprendizagem colaborativa

... pressupõe um ambiente de aprendizagem aberto em que o aluno se envolve a “fazer coisas e a refletir sobre o que faz” sendo-lhe dada a oportunidade de pensar por si mesmo e de comparar o seu processo de pensamento com o dos outros, estimulando assim o pensamento crítico (TORRES et al., 2004, p. 3).

Ou seja, a aprendizagem colaborativa deve acontecer num ambiente liberal, que possibilita ao aluno a oportunidade de refletir e criticar sobre os temas propostos de maneira autônoma, ao mesmo tempo em que pode comparar sua opinião frente a outras do grupo, sem que aja algum tipo de constrangimento ou cerceamento por parte do professor.

Valaski (2003) baseada em Barros (1994) lembra que a aprendizagem colaborativa prescinde de algumas estratégias pedagógicas, são elas: (a) a interdependência positiva, (b) a interação face-a-face, (c) a contribuição individual, e (d) desenvolvimento de habilidades interpessoais e de atividade de grupo.

Sendo que a interdependência positiva atua como foco principal da aprendizagem colaborativa, justamente por reunir características relacionadas à organização e funcionamento que visam facilitar o trabalho em equipe, é que resolvemos destaca-la entre todas já citadas (Waggoner apud BARROS, 1994). De acordo com o autor, há cinco conceitos a considerar neste quesito, são eles:

1. **Interdependência de metas:** esta relacionada ao estabelecimento e compartilhamento dos objetivos pelo grupo. Neste caso o professor que pretende formar um grupo nos moldes de aprendizagem colaborativa deve levar em conta que todos os integrantes do grupo devem participar ativamente do processo;
2. **Interdependência de tarefas:** neste caso a divisão de tarefas deve ser efetuada pelos alunos e não pelo professor, que no paradigma tradicional cumpria este papel, ou seja, ele distribuía as tarefas para cada elemento do grupo. O aluno, por sua vez deve compreender seu papel na equipe e a importância de cumpri-lo de forma adequada, de maneira a não prejudicar o

grupo como um todo. Assim sendo, o aluno se sentirá mais capaz, elevando sua auto-estima;

3. **Interdependência de recursos:** relativo à divisão e distribuição de informações e materiais relacionados ao cumprimento da tarefa. Este item acaba por promover a capacitação dos participantes em planejar e desenvolver as atividades propostas realizando-as com êxito;
4. **Interdependência de funções:** tem haver com a definição e distribuição de papéis a serem desempenhados por cada elemento do grupo. Esta permite a sistematização e hierarquização das tarefas a serem cumpridas conforme cronograma previamente estabelecido a partir dos objetivos do trabalho. Desta maneira, cada integrante será capaz de identificar e testar suas habilidades além de descobrir suas potencialidades;
5. **Interdependência de prêmios:** relacionada ao recebimento de premiação, como resultado do cumprimento das tarefas executados pelo grupo de forma eficiente e eficaz e com êxito ao final. Neste caso, o grupo deve perceber que a recompensa foi devido ao comprometimento de cada elemento integrante da equipe, assim descubrem também como é produtivo e compensador um trabalho realizado efetivamente em equipe.

Para Valaski (2003) a interação face-a-face trata das formas de relacionamento entre os indivíduos da equipe, que permitem a interação e a troca de informações através da discussão em grupo, fruto da interdependência positiva. Neste sentido Johnson et al. (1990) preconizou que a interdependência positiva refere-se justamente, a dependência que um deve ter do outro no cumprimento das tarefas a fim de completá-las com êxito.

O desempenho de papéis diferenciados por parte dos alunos proporciona e facilita essa dependência, bem como, a execução de projetos pode ser efetuada de diferentes formas. Neste caso, a distribuição de tarefas entre os indivíduos do grupo, é um ponto importante, pois neste momento decidem quais tarefas e quem do grupo irá executá-la, desta maneira, cada um desempenha uma função diferente. Se cada um do grupo assumir uma função diferente, cada membro será certamente co-responsável e co-autor do trabalho. Tudo isto ocorre a partir da co-dependência estabelecida no desempenho da tarefa maior (JOHNSON et al., 1991).

Neste sentido Valaski (2003) lembra que a linguagem é elemento fundamental para que haja comunicação, é por esta que os processos de elaboração mental são entendidos ou não. Portanto, a linguagem deve ser clara e objetiva a fim de que as idéias sejam compreendidas pelos integrantes do grupo e assim gerar conhecimento a partir daquele existente. Também, neste movimento de se comunicar, os integrantes vivenciam questões de relacionamento e aprendem a administrar conflitos resultantes das variações de opiniões advindas da discussão.

Já a contribuição individual refere-se à execução de tarefas específicas por cada membro do grupo, sendo estes responsáveis pela execução da mesma. Para tanto, devem levar em conta os seguintes aspectos: ser criativo e dedicado, ser comprometido com o que faz, e com o grupo, terminar a parte que lhe cabe no trabalho de forma completa, e ajudar os outros integrantes do grupo a adquirir conhecimento (VALASKI, 2003; FERREIRA-ALVES, 2005).

Por fim, Valaski (2003) observa que o desenvolvimento das habilidades interpessoais e de atividades de grupo é uma questão bastante complexa, já que neste ponto, os integrantes do grupo terão de ser ensinados a colaborar uns com os outros, bem como, ensinados a desenvolver habilidades sociais, ou seja, a conviver com as diferenças de opiniões e delas abstraírem por meio de consenso o melhor resultado para o grupo.

Desta forma, pode-se dizer que aprendizagem colaborativa como a estratégia de ensino/aprendizagem na qual os integrantes da equipe ajudam uns aos outros, com o auxílio do professor, a fim de atingir o objetivo fim (Torres e Alcantara, 2004).

Logo, entende-se que aprendizagem colaborativa, como uma metodologia construtivista que envolve as mais diferentes habilidades humanas. Estas habilidades são desenvolvidas e/ou melhoradas à medida que o desafio é lançado em sala de aula. Cabe ao professor criar um ambiente propício ao aprendizado, permitindo ao aluno ser criativo, investigador, crítico, colaborador, auto-consciente, responsável e co-responsável pela finalização do trabalho. Ainda, neste processo o professor deve oferecer os subsídios necessários à investigação, apoio aos alunos, estimulando o aluno a pesquisar e ser cooperativo com os outros em favor do conhecimento.

Um outro aspecto a ser lembrado, é o da mediação de conflitos, neste sentido cabe ao professor esclarecer a importância do bom relacionamento entre as partes

envolvidas no processo. Por se tratar de uma relação sócio-construtivista fundamentadas nas propostas de Vygotsky (Costa e Franco, 2006) lembram que os conflitos sócio-cognitivos exercem fundamental importância no processo de aprendizagem sendo este a mola mestra para que a aprendizagem aconteça.

Neste sentido, recorrem a Flores e Bezerra (2002) para lembrar que:

... devem ser garantida também a igualdade, no sentido de haver uma simetria entre os papéis dos componentes de cada grupo, bem como, a mutualidade, que significa responsabilidade de todos pela produção final, indo ao encontro da interdependência positiva (...) (COSTA; FRANCO, 2006, p. 4).

Assim, a aprendizagem colaborativa é o processo de aprendizagem no qual os alunos ajudam uns aos outros a atingirem um objetivo comum, de forma democrática, onde todos participam efetivamente, levando em conta suas responsabilidades e tarefas a cumprir no individual para realizar com êxito a tarefa proposta ao coletivo.

Um dos pilares da aprendizagem colaborativa é sem dúvida a busca pelo conhecimento, neste sentido, Behrens (2006) lembra que aprender a conhecer é um dos pontos alto deste processo, pois, na sociedade do conhecimento a humanidade é chamada a vencer grandes desafios e vencer barreiras, transpor paradigmas a fim de manter-se competitivo num mundo globalizado.

Levando em consideração a questão do conhecimento, Siqueira (2003, p. 23) define aprendizagem colaborativa da seguinte maneira:

A aprendizagem colaborativa é um processo de reestruturação que ajuda os estudantes a se tornarem membros de comunidades de conhecimento cuja propriedade comum é diferente daquelas comunidades a que já pertence. Assume, portanto, que o conhecimento é socialmente constituído e que a aprendizagem é um processo sociolingüístico.

Desta forma percebe-se que o ensino tradicional foi suplantado pelo novo modelo de ensino/aprendizagem, já que não atende mais as expectativas do mundo do trabalho, num mundo globalizado. O novo paradigma, da complexidade, vem atender a necessidade da população discente, à medida que os fatos e acontecimentos estão ocorrendo. Neste novo paradigma, o conteúdo passa a ser construído e reconstruído conforme a realidade dos alunos e do professor. O professor perde a posição de único detentor de conhecimentos e passa a ser um

amigo, um coordenador do processo onde todos aprendem de forma mais dinâmica (BEHRENS, 2006).

Nesse sentido, Santos (2006) observa que os indivíduos buscam a atualizar-se de maneira continuada em suas habilidades, bem como do grupo onde, a colaboração contribui como um fator social de democratização e inclusão dos participantes. Ou seja, não basta mais adquirir um conhecimento e estagnar-se no tempo, a cada dia urge que nos adaptemos as novas realidades, conhecimentos e necessidades. O conhecimento não se encontra mais de forma pronta, mas sim de forma a ser socializado. O conteúdo de informação não pode mais ser retido com uma única pessoa. O grupo envolvido no processo de ensino e de aprendizagem, busca os conhecimentos a cada momento conforme suas necessidades.

Desta forma a reconstrução do conhecimento vem enriquecê-lo com as realidades de quem o vivencia. Neste sentido, o professor como colaborador, vem dar auxílio e direção para que o grupo desenvolva suas atividades. O professor por sua vez, passa a ser encarado como um amigo, o qual facilita a construção do novo conhecimento.

Neste sentido Daga e Alcântara (2006, p.1296) comentam que:

O professor, como profissional da educação, a quem compete participar da elaboração da proposta pedagógica da escola, zelar pela aprendizagem dos alunos, participar efetivamente do planejamento e das avaliações das atividades escolares e de articulação com a comunidade, deve também ser sujeito de seu próprio desenvolvimento profissional.

Outro fator que esta citação nos vem demonstrar é o poder do professor de não só se adaptar, mas também adaptar o meio em que estão inseridos alunos e professores. A escola passa a ser um objeto maleável que pode ser modificado conforme a realidade dos alunos. Neste contexto, verifica-se uma valorização das necessidades de cada ser envolvido no processo de ensino-aprendizagem.

A esse respeito Prol (1999, p. 1) comenta:

A Aprendizagem Colaborativa é uma estratégia de ensino na qual os alunos, de vários níveis de performance, trabalham juntos em pequenos grupos tendo uma única meta. Sendo, então, responsáveis pela aprendizagem uns dos outros, assim como a sua própria.

Neste sentido, percebe-se a real importância de se empreender a metodologia de ensino/aprendizagem na modalidade de Aprendizagem Colaborativa em grupos de portadores do TDA/H, pois o método em questão possibilita respeitar

o nível de cada indivíduo, de forma a fazer com que interaja com o grupo e o grupo interaja consigo de forma a cada um ser responsável pelo aprendizado de todos, sendo respeitados seus ritmos.

Assim sendo, busca-se uma maior possibilidade de prevenir a desatenção dos alunos com TDA/H por causa de desinteresse, pois no momento em que percebem sua importância diante do grupo acabam se interessando mais pelo assunto e pelo próprio grupo.

3 PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES COM UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIA (INTERNET)

A reflexão sobre alguns aspectos básicos do processo ensino-aprendizagem, mais nem por isso menos importantes, do emprego da tecnologia em especial, a internet, voltada à temática do TDA/H, percebe-se de início uma tendência à prática educacional no formato tecnicista. Conforme observa Kincheloe (1997), a formação do professor é por vezes hegemonicamente de cunho comportamentalista e conteudista. Como consequência disso, percebe-se uma resistência por parte dos professores em mudar seus paradigmas, o que vem reforçar a compartimentalização do conhecimento, bem como, a visão tecnicista de ensino/aprendizagem, de tal forma que não se vislumbram outras formas de atuação na educação que não seja aquela tecnicista.

A solução passa pela decisão do professor de atualizar-se e livrar-se dos ranços remanescentes dos paradigmas educacionais ultrapassados, ou seja, aqueles que não atendem mais, a demanda educacional de uma sociedade moderna e globalizada, ávida por novas informações e disposta a concorrer a novos desafios.

A esse respeito Behrens (2006, p. 67) alerta: “A acelerada mudança em todos os níveis leva a ponderar sobre uma educação planetária, mundial e globalizante. Educar nesse tempo de mundialização instiga a refletir sobre o processo de globalização (...)”.

A autora observa que o ensino tradicional esteve presente até bem pouco tempo, mais lembra que este modelo não atende mais as necessidades do mundo

do trabalho globalizado. Neste novo cenário, os professores devem buscar a atualização em prol das novas exigências de se buscar uma totalidade na aquisição de novos conhecimentos, rompendo de vez com o paradigma newtoniano-cartesiano, que preconizava a fragmentação do conhecimento (BEHRENS, 2006).

Moran (2006) da mesma forma diz que os métodos tradicionais de ensino/aprendizagem não se justificam mais, à medida que, a sociedade moderna organiza-se de tal forma a romper com as práticas de ensino arcaicas, já que estas dão a nítida sensação de ultrapassadas, uma vez expostas em sala de aula.

Atualmente, a prática metodológica de ensino/aprendizagem que mais se aproxima de tais demandas, é a aprendizagem colaborativa, já que esta permite a interação, a participação, a co-autoria, a co-responsabilidade, a ajuda mútua, permite a crítica e auto-crítica, interlocução entre as partes, negociação de conflitos entre outros atributos. Tudo isto, somado ao uso da tecnologia, em especial a internet, vem compor o novo paradigma vigente.

O paradigma denominado como Complexidade (CAPRA, 2002), que por meio de comunicação oral, ou seja, com o uso da linguagem, é um ponto forte, que uni-se a premissa de colaboração, ponto central da aprendizagem colaborativa. A utilização das novas tecnologias vem dinamizar e facilitar tal processo, pois é neste meio que se obtém a informação em tempo real, bem como, é neste, que podemos disponibilizá-la. Também, com esta ferramenta, é possível interagir com outros pesquisadores à distância, bem como promover cursos de formação e atualizações, com custo reduzido, encurtando distâncias e democratizando a educação, com vistas a enriquecer o conhecimento humano (TORRES et al., 2004).

Neste sentido, o site Tecnologia Educativa da Universidade de Évora (2007) comenta:

A aprendizagem colaborativa assistida por computador (CSCL - *Computer Supported Collaborative Learning*) pode ser definida como uma estratégia educativa em que dois ou mais sujeitos constroem o seu conhecimento através da discussão, da reflexão e tomada de decisões, e onde os recursos informáticos atuam (entre outros...) como mediadores do processo de ensino-aprendizagem.

A utilização de computadores torna-se uma ferramenta válida de aprendizagem colaborativa, na qual os professores poderão posteriormente dar continuidade em sua busca de conhecimento, tanto na aquisição de novos como na elucidação de dúvidas que possam surgir no decorrer de sua profissão.

Como mencionado, no site da Universidade de Évora (2007), esta forma de aprendizagem colaborativa utiliza como equipamentos ferramentas 3 opções: Uma ou mais pessoas em um mesmo computador atuando de forma colaborativa; Uma ou mais pessoas trabalham em vários computadores interligados em uma rede local; Uma ou mais pessoas trabalham em computadores geograficamente distantes utilizando-se do ciberespaço.

Neste sentido a aprendizagem pode se dar de forma: Síncrona – em tempo real; Assíncrona – independente de tempo; Presencial – diante de professores e colegas ou, Remota – distante da origem do conhecimento.

As teorias que contribuem para uma melhor compreensão da aprendizagem colaborativa assistida por computador são:

Teoria Sociocultural - Esta teoria de Vygotsky (1987) sobre a aprendizagem enfatiza que a inteligência humana provém da nossa sociedade ou cultura, e que ocorre em primeiro lugar através da interação com o ambiente social, ou seja, o ser humano não está estagnado na sociedade e no meio em que vive. Interage influenciando o meio em que vive e ao mesmo tempo sendo influenciado pelo mesmo. Outra contribuição de Vygotsky são as Zonas de desenvolvimento na qual o potencial de cada um pode ser ampliado conforme seja estimulado, ou seja, a área de desenvolvimento real (adquirido) aumenta conforme entra em contato com a área de desenvolvimento proximal (estímulos próximos do conhecimento adquirido) ampliando a área de desenvolvimento potencial (capacidade de evolução de cada um). (Universidade de Évora, 2007)

Construtivismo – Baseado na aprendizagem auto-regulada de Piaget. Nesta teoria, o conhecimento não é um objeto fixo, mas sim, é construído pelo indivíduo baseado na própria experiência do indivíduo sobre este objeto. Desta forma, partilhando a experiência de vários indivíduos, teremos uma aprendizagem que poderá analisar problemas de diversos ângulos e encontrar soluções de forma compartilhada utilizando a experiência de todos do grupo. (Universidade de Évora, 2007)

3.1 PAPEL DO PROFESSOR NA ATUALIDADE

Este papel nos denota a necessidade de uma formação continuada onde nenhum conhecimento está acabado, mas sim é a matéria prima para que se possa construir o verdadeiro conhecimento.

Santos (2006) comenta que pesquisadores da área de comunicação, psicologia e educação, constatam que o sistema educacional é inadequado, não se adaptando a sociedade atual, ou seja, a muito se perdeu a figura do professor como um mero transmissor de conhecimentos, não desvalorizando seu papel, mas sim o aprimorando. O método tradicional não acompanhou a necessidade dos alunos e desta forma o professor sentiu a necessidade de se superar, romper barreiras, progredir constantemente.

Como comenta Siqueira (2003, p. 113),

O professor precisa ser um agente de transformação da realidade dos alunos, não apenas um reprodutor de conteúdos estáticos e pré-estabelecidos. Paulo Freire considera a ação pedagógica como uma ação transformadora, onde os sujeitos da aprendizagem, professores e alunos, são participantes ativos no processo pedagógico, que agem em conjunto para transformar o mundo.

De forma conjunta começam a recriar o conhecimento, adequando-o a realidade atual dos alunos e para isso, o professor precisou de recursos que lhe dêem apoio. Segundo Behrens (2000, p. 72) “A tecnologia precisa ser contemplada na prática pedagógica do professor, de modo a instrumentalizá-lo a agir e interagir no mundo com critério, com ética e com visão transformadora”.

Assim sendo, os recursos à sua volta passaram a ser visto como instrumento de seu trabalho e não substituto do professor. Toda tecnologia disponível passou a ter a função de facilitar o trabalho tanto do professor como dos alunos fazendo com que o conhecimento seja redescoberto, recriado conforme a necessidade de cada grupo.

Professor e alunos passam a ser produtores de conhecimento, de forma interativa, recriam constantemente segundo suas experiências e necessidades. O conhecimento não vem pronto, mas sim é aprimorado a realidade social, fazendo com que a aprendizagem seja um processo contínuo e o professor seja visto como um facilitador neste processo.

A autoridade que antes era única do professor passa a ser compartilhada entre professores e alunos. Um consenso de idéias e necessidades transforma o ambiente da sala de aula em um ambiente harmônico onde todos compartilham seu conhecimento. Mesmo sendo um grupo heterogêneo, buscam um conhecimento compartilhado, procurando valorizar a experiência de cada um e utilizá-la na reconstrução do conhecimento.

Dillenbourg (1999, p. 5) comenta:

However, on one hand, there is no guarantee that those mechanisms occur in any collaborative interactions. On the other hand, they do not occur *only* during collaboration. At some level of description - at least the neuron level -, the mechanisms potentially involved in collaborative learning are the same as those potentially involved in individual cognition.

Em resumo Dillenbourg diz que:

...as palavras 'aprendizagem colaborativa' descrevem uma *situação* na qual espera-se que ocorram formas particulares de interação entre pessoas, que, por sua vez, ativariam mecanismos de aprendizagem, mas sem nenhuma garantia de que as interações esperadas realmente ocorrerão. Então, a preocupação geral é desenvolver meios para aumentar a probabilidade que alguns tipos de interação ocorram (1999, p. 5).

Desta forma, o professor visto como facilitador, também desempenha um papel de instigador, desafiando o aluno a produzir continuamente mais conhecimentos e colaborar com os demais entrando inclusive no aspecto da competência profissional que é explicada por Mello (1982, p. 43) como:

Por competência profissional estou entendendo várias características que é importante indicar. Em primeiro lugar, o domínio adequado do saber escolar a ser transmitido, juntamente com a habilidade de organizar e transmitir esse saber de modo a garantir que ele seja efetivamente apropriado pelo aluno. Em segundo lugar, uma visão relativamente integrada e articulada dos aspectos relevantes mais imediatos de sua própria prática, ou seja, um entendimento das múltiplas relações entre os vários aspectos da escola, desde a organização dos períodos de aula, passando por critérios de matrícula e agrupamentos de classe, até o currículo e os métodos de ensino. Em terceiro, uma compreensão das relações entre o preparo técnico que recebeu a organização da escola e os resultados de sua ação. Em quarto lugar, uma compreensão mais ampla das relações entre a escola e a sociedade, que passaria necessariamente pela questão de suas condições de trabalho e remuneração.

O professor passa a fazer parte de todo um complexo da educação, situação esta que abrange escola, saberes, alunos e realidade social dos mesmos, tendo em suas mãos a necessidade de globalizar todos estes aspectos, de forma a recriar o conhecimento.

Mas, como comenta Pena:

Para que o professor passe de um ensino convencional a um ensino apoiado nas novas tecnologias, bem como desenvolvido em ambientes virtuais, exige que a instituição estabeleça o desenvolvimento de um projeto de formação de professores que priorize a inserção das TICs numa perspectiva construtiva e reflexiva da ação docente. (2004, p. 9).

Ou seja, mais uma vez, deparamo-nos com a necessidade de compreensão desta prioridade por parte de instituição e professores em forma conjunta. Por um lado instituição necessita dar condições ao corpo docente e por outro lado o corpo docente necessita adequar-se as novas necessidades dos alunos e instituição, adequando conhecimento à realidade dos alunos.

Mesmo diante deste histórico, muitos professores ainda não têm conhecimento deste distúrbio ou de como lidar com ele. Perrenoud (2002 p. 198) salienta que: “A postura reflexiva na identidade profissional dos professores leva-os a construir seus próprios procedimentos em função dos alunos, da prática, do ambiente, das parcerias e cooperações possíveis, dos recursos e limites próprios de cada instituição, dos obstáculos encontrados ou previsíveis”.

Baseado nesta afirmação fundamenta-se a necessidade de informar os professores e capacitá-los a lidar com pessoas que possuem TDA/H, adaptando-se a realidade dos mesmos facilitando o processo de ensino aprendizagem tanto para docentes como para alunos.

Sabendo mais informações sobre o TDA/H os professores terão capacidade de compreender mais sobre o comportamento de seus alunos, pois como salienta Topczewski (1999), a criança hiperativa sofre conseqüências sociais, a começar pelos amigos que a discriminam por se sentirem incomodados devido ao seu comportamento, o qual muitas vezes não é compreendido.

4 A INTERFERENCIA DO TRANSTORNO DE DEFICIT DE ATENÇÃO-HIPERATIVIDADE NA APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO BÁSICA

4.1 TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE

O Manual Diagnóstico dos Distúrbios Mentais (DSM-IV) define Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDA/H) como um subgrupo dos distúrbios mentais cuja origem da-se na infância ou adolescência, é também considerado como um distúrbio bidimensional, que incluem atenção e a hiperatividade/impulsividade. O termo hiperatividade esta relacionado a um dos distúrbios mais freqüentes na idade escolar, caracterizado por um nível de atividade motora excessiva e crônica, também conhecido como déficit de atenção de autocontrole. (DSM – IV, 2000)

A principio foi definido como um distúrbio neurológico, ligado a uma lesão cerebral do tipo, lesão cerebral mínima. No entanto, houve grandes dificuldades em se objetivar a existência ou não dessa lesão, provocando assim um diferencial na conceituação deste distúrbio. Desta forma na década de 1960, percebe-se o distúrbio sob uma ótica mais funcional, caracterizando a hiperatividade como uma síndrome de conduta levando em consideração a atividade motora como característica primordial.

Na década de 1980, segundo Maria Cristina Bromberg (informação verbal em uma palestra em 2005 no CENEP), após inúmeras investigações, são ressaltados os aspectos cognitivos da síndrome, sobretudo, o déficit de atenção bem como a falta de autocontrole ou impulsividade. Também a atividade motora excessiva é considerada um resultado do alcance reduzido da atenção da criança, bem como, da falta de objetivos e metas a que é submetida. Tal mudança na caracterização da doença produziu um tanto de confusão na hora de definir a patologia, bem como, em como denomina-la, assim surgiram algumas denominações tais como, hiperatividade, lesão cerebral mínima, distúrbio de déficit de atenção com hiperatividade entre outros.

No entanto, Barkley (1995) lembra que apesar das aparentes diferenças entre as definições existentes, atualmente, todas compartilham alguma característica em comum. Entre elas podemos destacar; surgimento do distúrbio nos primeiros anos

de vida, inquietação motora e períodos reduzidos de atenção que não se relacionam à idade da criança, generalização dos sintomas a diversas situações e/ou ambiente, discrepância entre nível de desenvolvimento cognitivo e os problemas manifestos de autocontrole, além disso, o distúrbio de conduta não pode ser explicado por desordens neurológicas ou déficit de autocontrole (BARKLEY, 1995).

O Déficit de atenção/desatenção pode ser descrito por meio de comportamento desencadeado pela falta de limites que pode não levar a criança a apresentar déficit de atenção. A tarefa de atenção é complexa, e envolve um grande número de aptidões e habilidades, entre elas: capacidade de focar a atenção e mantê-la, ignorar os outros estímulos e dividir a atenção quando necessário (ouvir e anotar).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (1993) o déficit de atenção pode ser avaliado a partir das seguintes manifestações nas crianças:

- a) Falta de persistência em atividades que requeiram envolvimento cognitivo;
- b) Mudança de uma atividade para outra sem completar nenhuma;
- c) Abandono de atividades, deixando-as inacabadas;
- d) Cometimento de erros por falta de cuidados;
- e) Dificuldades para manter a atenção em tarefas ou atividades lúdicas;
- f) Desorganização dos hábitos de trabalho;
- g) Manuseio de objetos com descuido.

As dificuldades de atenção constituem para a maioria dos autores, um dos sintomas definidores da hiperatividade. Assim, o DSM-IV define o *Transtorno por déficit de atenção com hiperatividade*, como sendo a patologia que apresenta elevada frequência de problemas de atenção em crianças hiperativas, e sua persistência e estabilidade ao longo do tempo.

Segundo Rotta, Ohlweiler, e Riesgo (2006, p. 303) hoje em dia, define-se o transtorno de déficit de atenção/hiperatividade da seguinte maneira: “Como uma síndrome neurocomportamental com sintomas classificados em três categorias; desatenção, hiperatividade e impulsividade”. Ou seja, TDAH é a denominação atribuída àquelas pessoas que apresentam problemas de autocontrole, de concentração, de direcionar sua atenção a um objetivo específico por um longo

período, bem como, acatar ordens ou mesmo conter seus movimentos gestuais e ou corporais e ainda, com dificuldades de contingência de suas idéias a ser expressas com e/ou em meio a outras pessoas.

Cesar Coll (1995) lembra que a persistência dos problemas de atenção acaba sendo de pouco valor frente a outros, como a atividade motora excessiva, que embora caracterize o transtorno hiperativo, tende a desaparecer com o decorrer do tempo. Observa ainda que, o desenvolvimento normal do controle da atenção pode ser útil como referencia para melhor compreensão do alcance dos distúrbios da atenção relacionados a hiperatividade.

O autor relata que resultados de estudos experimentais realizados com indivíduos hiperativos demonstram que esses processos encontram-se alterados. Podendo-se afirmar que algumas crianças apresentam dificuldades para concentrar sua atenção durante períodos contínuos de tempo. Por outro lado, o processo de evolução não chega a ser controlado por estratégias internas, que ajudariam a criança a se concentrar de forma seletiva para solucionar os seus problemas (COLL, 1995).

Importante destacar que em situações grupais as dificuldades se intensificam, já que nestes casos, exige uma atenção mais concentrada, a fim de adequar-se a e identificar um numero maior de informações produzidas.

Logo, a atividade motora excessiva pode ser caracterizada como aquela em que as crianças são hiperativas, manifestando-se por meio de atividade corporal excessiva e desorganizada que, com freqüência, não tem objetivo concreto. E é exatamente a diferença que reside na ausência de finalidade, fator este que a diferencia da superatividade observada durante o desenvolvimento da criança em algumas situações.

Para Rohde et al. (1999) o comportamento de toda a criança é, inicialmente, controlado pelos adultos, segundo certas normas que, com freqüência, vão contra seus desejos, tais normas externas e impostas, acabam sendo internalizadas no decorrer de seu desenvolvimento, de forma que o controle externo dá lugar ao autocontrole. É justamente este processo que se apresenta de forma alterada em crianças hiperativas, de maneira que a conduta impulsiva constitui um dos aspectos relevantes do distúrbio, observando-se uma tendência à satisfação imediata de seus desejos e pouca tolerância à frustração.

Cabe lembrar que aspectos comportamentais apresentados por crianças tais como, desatenção, agitação, excesso de atividade, impulsividade, além de baixo nível de frustração, acabam por interferir no relacionamento da pessoa especial com as demais pessoas, tanto no convívio familiar, como com amigos e com colegas de classe.

4.2 TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE – CAUSAS, DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO

Antigamente acreditava-se que todas as crianças com o transtorno superavam os sintomas com a chegada da puberdade. Entretanto, estudos recentes que acompanhavam crianças com TDA/H mostram uma persistência do diagnóstico em até cerca de 70% dos casos na adolescência inicial e intermediária (BARKLEY; FISCHER et al., 1995).

Estimativas conservadoras documentam que cerca de 50% dos adultos diagnosticados com o TDA/H na infância seguem apresentando sintomas significativos associados a prejuízo funcional. Ao longo do desenvolvimento, diminui a hiperatividade, restando freqüentemente déficits de atenção e impulsividade, em especial a cognitiva (BIEDERMAN, 1996).

O TDA/H está associado com um risco aumentado de baixo desempenho escolar, repetência, expulsões e suspensões escolares, relações tumultuadas com familiares e colegas, desenvolvimento de ansiedade, depressão, baixa auto-estima, problemas de conduta e delinquência entre outras (BARKLEY, 1995). No entanto, parte destas características pode estar associada à presença da comorbidade com transtorno de conduta, e não só ao TDA/H. As pesquisas mostram uma alta prevalência de comorbidade entre o TDA/H e os transtornos de comportamento, situada em torno de 30% a 50%. A taxa de comorbidade também é significativa com as seguintes doenças: depressão, transtorno de ansiedade e transtornos de aprendizagem (BIEDERMAN et al., 2002).

Dentre as principais características de uma pessoa com TDA/H segundo Sassaki (2005), pode-se mencionar: (a) Falta de controle da atenção; (b) falta de controle da impulsividade; (c) falta de controle da atividade motora; (d) Incidência de

3% à 6% em crianças de idade escolar e (e) 50% carregam sintomas para a vida adulta. O TDA/H em si é dividido em três tipos que são eles: Desatento, Hiperativo e um combinado dos dois primeiros.

Baseando-se nas características do TDA/H chegou-se a uma lista de principais problemas que assolam pessoas com TDA/H, dentre eles temos: Pessoais – baixa auto-estima; Familiar – Tensão com pais, rivalidade entre irmãos, stress e dificuldade de relacionamento; Escolar – Dificuldade de aprendizagem, problemas de comportamento e relacionamento; Social – isolamento, rejeição. Esses problemas mencionados acima podem se agravar a ponto de se desenvolver outros problemas que no montante acabam trazendo sérios transtornos tanto as pessoas com TDA/H, como a quem convive com os mesmos.

Segundo Sasaki (2005), dentre as principais conseqüências desses transtornos encontramos: 30% a 50% de repetência, 35% não terminam o ensino médio, 50% possuem problemas de relacionamento, 60% desenvolvem comportamento desafiador, 25% de expulsão da escola e possuem quatro vezes mais chances de se envolver em acidentes de carro, delinqüência, depressão e suicídio.

O diagnóstico envolve um conjunto de atitudes, sendo necessário passar por uma avaliação multiprofissional, dentre eles: neurologista, pediatra, psicólogo e psicopedagogo. Assim é possível se determinar a presença ou não da síndrome com maior clareza. Para estes profissionais, a forma mais eficaz de se detectar a síndrome ainda é a entrevista com pais, alunos e professores além da observação direta.

Um dos fatores que dificulta este diagnóstico é a comorbidade com outras síndromes e sintomas, dentre estes, posso mencionar: Incapacidade sensorial – depressão, alergia, distúrbio do sono, hipertireoidismo, hipoglicemia, atraso no desenvolvimento, síndrome de Tourette, transtorno Bipolar, abuso de substâncias químicas, stress, tensão emocional, entre outros.

A partir destas informações pode-se afirmar que o tratamento do TDA/H envolve uma abordagem múltipla, englobando intervenções psicossociais e psicofarmacêuticas. No âmbito das intervenções psicossociais, a primeira ação deve ser com a família, que deve conhecer e ser informada a respeito do TDA/H, por meio de informações claras e objetivas. Por vezes, é necessário um programa de

treinamento para os pais, que englobem questões comportamentais, de forma tal que consigam lidar com os sintomas apresentados pelos filhos.

Neste sentido, reside a importância dos pais conhecerem as estratégias para auxiliarem seus filhos na organização e no planejamento das atividades, por exemplo, as crianças portadoras de TDA/H, precisam de um ambiente silencioso, consistente e sem maiores estímulos visuais para estudar. Às vezes, deve ser indicado em especialista para trabalhar estas questões com as crianças, de preferência de fora do âmbito familiar, a fim de trabalhar questões de métodos de estudo e acompanhá-las nas rotinas de tarefas a serem realizadas de maneira vitoriosa. E ainda, as rotinas de estudos e suas vitórias devem ser pontuadas a fim de estimular o aprendiz, evitando rotular seu comportamento como preguiçoso, malandro, retardado. Essas são certamente, condutas de excelência no auxílio e no tratamento da criança com TDA/H.

Intervenções no âmbito escolar são muito importantes. Neste sentido, professores devem ser orientados para a necessidade de uma sala de aula bem estruturada, com poucos alunos. Rotinas diárias consistentes e, ambiente escolar previsível ajudam essas crianças a manter o controle emocional. Estratégias de ensino ativo, que incorporem a atividade física com o processo de aprendizagem, são fundamentais. As tarefas propostas não devem ser demasiadamente longas e precisam ser esclarecidas a cada etapa.

Cabe lembrar, que o aluno portador de TDA/H, deve receber atenção individualizada. Este aluno deve ser colocado de preferência nos primeiros bancos escolares, longe de janelas, e preferencialmente perto do professor. Esta medida visa diminuir a probabilidade de distração do aluno.

Em muitos casos, os alunos com TDA/H precisam de aulas de reforço, isto ocorre porque invariavelmente os sintomas a muito interferem na aprendizagem do indivíduo e também porque na maioria dos casos, o diagnóstico é tardio. É importante ressaltar, que por vezes este aluno necessita de acompanhamento psicopedagógico focado na forma de aprendizado, ou seja, um acompanhamento voltado para questões de planejamento de tempo e execução de tarefas propostas. Também deve ser considerado um tratamento de reeducação psicomotora (RHODE et al., 2000).

Outro aspecto relevante com relação ao tratamento do TDA/H a ser lembrado é o psicoterapêutico, que esta voltado às intervenções psico-sociais centradas na

criança ou no adolescente, é a modalidade psicoterápica com maior evidencia científica para os sintomas centrais do transtorno (desatenção, hiperatividade, impulsividade), bem como para o manejo de sintomas comportamentais comumente associados a (teimosia, oposição e desafio) é a cognitivo comportamental, ligados em especial aos tratamentos comportamentais.

Além destes, em que alguns casos a criança ou adolescente tenha de receber tratamento medicamentoso, em concomitante com a psicoterapia. Cabe ressaltar que em muitos dos casos a criança ou adolescente com TDA/H sofre muito com os problemas advindos desta síndrome. E não são raros os casos de crianças que se sentem isoladas e por conta disto entram em depressão. Isto ocorre porque acabam sendo excluídas pelo grupo de amigos/colegas, por não atenderem aos requisitos exigidos da sociedade em termos de comportamento e relacionamento social. Da mesma forma, são taxadas pelos professores de “burras”, incompetentes, desatenciosas e ainda são acusadas de serem mal educadas ou endiabradas tanto por professores quanto pelos próprios pais (MORAIS, 2003).

Quanto mais tempo o TDA/H permanecer sem diagnóstico e tratamento, maior será o sofrimento da criança/adolescente com TDA/H no futuro, como adulto. Rotta (2006, p. 305) lembra que:

Não existe nenhum teste psicométrico, neurológico ou laboratorial que por si só dê o diagnóstico de TDA/H. Esse diagnóstico deve ter embasamento clínico em um composto de evidências derivadas da história, da observação, do exame clínico neurológico e das escalas de comportamento.

Assim sendo, o diagnóstico de déficit de atenção/hiperatividade é feito de diversas formas e por uma equipe multidisciplinar, este processo envolve, familiares, especialistas e professores, que juntos acompanham dia-a-dia o indivíduo com TDA/H, já que estes transtornos ficam evidentes no convívio social, tanto no seio familiar, como na escola.

Neste sentido, a aceitação no grupo por si só já assume um papel terapêutico que de forma preventiva, ameniza fatores estressores tanto nas pessoas com TDA/H como em quem convive com elas. Assim sendo, diminuimos a rejeição por parte do grupo, o que diminui drasticamente a chance de pessoas com TDA/H desenvolverem futuros distúrbios tais como depressão, isolamento social, baixa auto-estima entre outros.

4.3 A INTERFERÊNCIA DO TDA/H NA APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS

A criança com TDA/H, em sua grande maioria, tem plena consciência do que deveriam fazer, no entanto, à inabilidade de controlar-se, faz com que elas não ajam como deveriam, tomando atitudes antes mesmo de pensar! Cabe lembrar que elas sabem que deveriam prestar atenção e comportar-se em aula, mas, no entanto, não prestam atenção e muito menos se controlam, em fim tomam atitudes, as quais estão cientes que não deveriam tomar, como por exemplo, andar pela sala quando bem entende brincar e desenhar nas horas impróprias, quando deveriam prestar atenção ou realizar tarefas.

Urge lembrar que o TDA/H não afeta a inteligência da criança, mais sim sua aprendizagem. É interessante pontuar que por vezes, algumas das crianças e adolescentes com TDA/H apresentam excelentes rendimentos escolares, entretanto, a maioria, realiza tarefas de forma incompleta e com desleixo.

Na escola, por exemplo, quando são apresentados exercícios cuja seqüência de operações, provavelmente ela consiga executar os primeiros e depois esqueça os próximos, ou mesmo parte da operação. Na leitura de um enunciado, ao chegar ao final não lembra do que leu e afirma não ter entendido, ou ainda, esquece o que leu. Se for impulsiva, responde algo que lhe vem na mente naquele momento. Em testes escritos, poderá responder somente a primeira página e não perceber que o teste tinha continuação no verso da folha.

Segundo Barbosa (2001), os problemas mais encontrados nas instituições escolares estão ligados à relação professor / aluno, passando pela questão da disciplina e das dificuldades de aprendizagem, decorrentes ou não deste fator relacional. A pessoa que apresenta TDA/H possui dificuldades pessoais, mas um dos fatores que mais prejudica o seu aprendizado é o relacionamento com professores e demais alunos.

Esta dificuldade não se restringe unicamente aos locais de ensino. É um aspecto bem mais amplo que envolve todo convívio social passando pela família, escola e sociedade como um todo. Convívio este que muitas vezes se torna preconceituoso e assim sendo acaba rotulando as pessoas que possuem TDA/H de forma a maximizar suas dificuldades.

Alguém que passa sua vida inteira ouvindo que está errado acaba pondo em dúvida até mesmo sua opinião, muitas vezes passando a acreditar ser o “errado”. Por isso a necessidade de informar as pessoas envolvidas em seu desenvolvimento para potencializar suas qualidades ao invés de salientar suas dificuldades.

Melhorando-se esta auto-estima das pessoas com TDA/H, busca-se potencializar suas possibilidades de desenvolvimento, pois no momento que ele passar a acreditar em si, irá desenvolver-se de forma positiva todo seu potencial.

Cabe salientar que o fato deste aluno ter dificuldades não quer dizer que seja incapacitado ou “burro”, apenas possui um distúrbio neurobiológico, genético que o deixa hiperativo e desatento. Essas características que geralmente causam sua exclusão dos demais colegas por não saberem o que realmente se passa ou como lidar com essas diferenças.

Para Hallowell e Ratey (1999, p. 15):

Quando se compreende tudo o que essa síndrome abrange, começa-se a vê-la em toda parte. Pessoas que você costumava considerar desorganizadas, maníacas, agitadas ou criativas, mas imprevisíveis, que você sabe que poderiam realizar mais se simplesmente pudessem concatenar as coisas, que parecem desordenadas nas escolas e em suas vidas profissionais, que chegaram ao topo mas continuam a se sentir agitadas ou perturbadas – essas podem ser pessoas que de fato têm distúrbios do déficit de atenção.

Esta citação aponta a frequência do convívio com pessoas com TDA/H. Seus sintomas são tão comuns que os professores muitas vezes não percebem. São pessoas que, mesmo tendo dificuldades, estão ao nosso redor com uma capacidade que pode ser potencializada se forem melhor compreendidas.

Na grande maioria das vezes as pessoas envolvidas bloqueiam seu desenvolvimento justamente por não perceberem o como pode ser útil essa diversidade de pensamentos e atitudes. Esclarecendo aos que possuem TDA/H e aos que convivem com eles o que realmente é o TDA/H, assim abre um leque de possibilidades para ambas as partes. No momento em que as forças forem conjuntas o desenvolvimento de todo grupo será maximizado.

Como demonstra Cypel (2000), “Crianças hiperativas e desatentas sempre existiram na humanidade sem que constituíssem um grupo reconhecido como apresentando alterações no comportamento”. Ou seja, o que se chama hoje em dia de TDA/H já faz parte da humanidade a anos mesmo sem ter sido considerada uma síndrome ou anomalia. Já foi estudada por vários profissionais com outros nomes,

dentre eles posso citar: Lesão Mínima (1902), Disfunção Cerebral Mínima (1930), Déficit de Atenção - DSM III (1980), Déficit de Atenção e Hiperatividade – DSM III – R (1987) até chegar a 1994 quando passou a se chamar Transtorno de Déficit de Atenção / Hiperatividade – DSM IV.

Segundo Suzuki (2005, p. 50), a predominância na literatura americana é de 3 – 5 % das crianças em idade escolar. À semelhança dos dados mundiais, no Brasil a taxa de prevalência é de 3,6 a 5 % da população escolar. Baseando-se nestes dados pode-se perceber que o TDA/H está presente mundialmente e em proporções significativas, as quais vêm justificar a preocupação com esta síndrome. A mesma autora salienta que o TDA/H é visto como a mais freqüente desordem comportamental da infância, resultante de um desenvolvimento não adequado. Desenvolvimento este que prejudica não só o desenvolvimento escolar, mas toda uma gama de aspectos que correlacionados prejudicam seu convívio social e familiar.

Querendo ou não a pessoa que possui TDA/H faz parte da sociedade e como integrante desta, a influencia e ao mesmo tempo é influenciado. A única arma que o matem afastado dos demais é a desinformação. Este desconhecimento que acaba gerando sua exclusão e preconceito, agravando suas dificuldades tanto em seu desenvolvimento pessoal como no relacionamento social.

Visto que uma das características principais do TDA/H é a desatenção, faz-se necessário empregar recursos que estimulem a atenção. E de encontro a esta característica podem-se utilizar recursos midiáticos, os quais são ricos em estímulos tanto visuais quanto sonoros, facilitando assim a transmissão e memorização de conhecimentos.

A possibilidade de demonstrar ao corpo docente o que é TDA/H, como se lidar com essas diferenças e recursos midiáticos capazes de potencializar o processo de ensino aprendizagem, é a finalidade deste trabalho de pesquisa, respeitando as características bio-psico-sociais de cada indivíduo e acreditando no potencial de criatividade existente em cada pessoa com TDA/H.

5 CAMINHOS DA PESQUISA

Esta pesquisa sobre formação de professores com utilização de tecnologias no transtorno de déficit de atenção/hiperatividade teve início com a aplicação de um instrumento de investigação sobre a temática em questão. Para tanto, foi definida: população e amostra; instrumentação, coleta de dados, tratamento e análise dos dados, apresentação dos resultados.

Para levantamento da população dos professores da pesquisa. Foram consideradas somente aquelas disponíveis no local e na hora da aplicação do questionário, sendo excluídas do total aqueles afastados para curso, por aposentadoria, doenças e licenciados por algum motivo.

A seleção foi realizada no processo de amostragem sistemático, sem reposição, ou seja, a amostra foi retirada mediante contagem espaçada constante, sorteando-se apenas o elemento inicial, dependendo da situação apresentada. Ao final a amostra constitui um total de cinco professores respondentes da Escola.

O questionário estruturado (Apêndice C) como instrumento de coleta de dados consta de questões cujas respostas sirvam para consecução dos objetivos específicos propostos, de forma a embasar a investigação e seus resultados.

O levantamento bibliográfico e de campo, bem como os dados coletados foram qualificados em classes e símbolos que representam cada classe e constituem uma escala nominal e classificatória. Segundo Siegel (1977), os símbolos que representam os vários grupos em uma escala nominal podem ser permutados sem alterar a informação essencial a respeito da escala e as únicas estatísticas admissíveis são as que permanecem inalteradas em relação a uma tal transformação, ou seja, a moda, contagens de frequência, etc.

Considerando a escala nominal e as estatísticas permitidas, foram calculadas – após a codificação e tabulação dos dados – porcentagens de frequências observadas, permitindo-se a descrição das características dos respondentes e a comparação entre os grupos analisados.

Foi ainda efetuado levantamento bibliográfico, com vistas a fornecer subsídios para a argumentação levantada. Este estudo investigatório utilizou o método de pesquisa exploratório-descritivo considerando dados coletados na Escola, a partir da aplicação de questionários estruturados fechados (Apêndice C e E).

5.1 FASES DA PESQUISA

Na primeira fase, foi realizado um levantamento bibliográfico, que serviu de embasamento para a revisão de literatura e análise dos dados coletados. Onde se procedeu da seguinte forma: a pesquisa foi sendo desenvolvida com leitura sistemática e fichamento de cada obra, ressaltando os pontos abordados pelos autores pertinentes ao assunto em questão, para tanto foram consultados livros, revistas, jornais e fontes on-line. Neste ínterim, foram descartadas aquelas bibliografias que não geraram interesse deste pesquisador ou que por motivos de exigüidade de tempo foram também excluídas deste estudo.

No primeiro momento a pesquisa de campo realizada com o uso do questionário A, detectou-se o “problema”. Este sendo a falta de informação por parte de professores da escola á respeito do TDA/H e, em segundo, de forma conjunta e colaborativa, professores e pesquisador uniram-se de forma a capacitar-se á respeito do assunto visto que: a falta de informações sobre este assunto prejudica indiretamente, tanto professores como alunos, sejam eles TDA/H ou não.

Na segunda fase, foi realizada a pesquisa de campo empregando-se a utilização do questionário B como técnica para coleta de dados, onde este pesquisador participou de forma efetiva, a fim de colher os dados mais precisos e confiáveis possíveis da realidade vigente. Sendo que este procedimento ocorreu da seguinte maneira: tomou-se notas de natureza descritiva onde enfocou-se os fenômenos sociais os quais são fatores importantes e essenciais para uma pesquisa qualitativa, com o intuito de avançar na explicação e compreensão da totalidade do fenômeno bem como do contexto dinâmico das relações (TRIVINOS, 1987, p. 155).

Desta forma, inicialmente a pesquisa obteve um aspecto investigativo no sentido de perceber, através de questionários mistos, a realidade do corpo docente em relação ao conhecimento sobre o TDA/H. Este corpo docente foi selecionado em forma de amostragem em uma escola particular do ensino básico situada em Curitiba, a descrição da instituição encontra-se em capítulo posterior.

Além dos dados acima descritos, as partes principais dos dados coletados foram descritos no diário de campo (caderno de anotações) onde foram contemplados os fenômenos alvo deste estudo já descritos anteriormente no objetivo principal desta investigação bem como enfocados também nos objetivos

específicos que nortearam os passos para a realização desta pesquisa. Nos registros à partir das questões abertas do questionário, possibilitou contribuições por parte dos professores. Logo a seguir, já se efetuaram as análises dos dados levantados a fim de não perder de vista os dados coletados.

Na terceira fase foi efetuada uma análise do material coletado acumulado nas duas primeiras fases. Neste momento realizou-se a triangulação dos dados que teve por objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do fenômeno estudado. Onde se levou em consideração os sujeitos envolvidos na pesquisa quanto as suas, ações e preocupações focando-se no interesse da investigação. Por fim foi elaborado um cruzamento destas informações coletadas com a literatura pertinente sobre aprendizagem colaborativa e TDA/H, bem como a formação de professores com o emprego de tecnologias, cujo objetivo foi efetuar a análise e interpretação dos dados coletados.

No decorrer do processo de aplicação e tabulação de questionários investigativos sobre o conhecimento relativo ao TDA/H por parte de professores da rede pública de Curitiba, surgiram fatores intervenientes, os quais impossibilitaram sua continuidade e após análise da situação em conjunto com o orientador Paulo Roberto Alcântara optou-se por elaborar novo questionário e aplicá-lo em nova instituição de ensino.

Dentre as possibilidades, embora tenha consultado duas escolas, uma escola da rede pública não permitiu a realização da pesquisa e assim, foi possível realizar a pesquisa numa escola particular que autorizou o desenvolvimento da pesquisa em todos os seus níveis, assim foi coletado os dados até a aplicação da capacitação para o quadro de docentes da instituição.

Assim sendo, elaborou-se em primeiro plano uma carta de pedido de autorização direcionada aos diretores de ambas as escolas de forma a tornar a pesquisa clara e legal diante das instituições e formalizar o início da pesquisa.

Esta autorização sendo assinada, partiu-se para a elaboração e aplicação de um termo de consentimento para os professores no qual os mesmos se comprometeram a participar de todas as etapas da pesquisa, mas ao mesmo tempo estarem livres para saírem à hora que desejarem e pelo motivo que julgarem justo.

Tanto o modelo da carta aos diretores como o modelo do Termo de Consentimento aos professores, estão em apêndice 1 e 2 para esclarecer possíveis dúvidas e validar esta pesquisa. Os originais devidamente preenchidos e assinados

permanecem em mãos do pesquisador a fim de proteger as pessoas envolvidas salvaguardando o anonimato.

Tendo em mãos estes termos de consentimento, desenvolveu-se um questionário capaz de avaliar o conhecimento dos professores em relação ao TDA/H (apêndice 3). Segue em capítulo abaixo a tabulação deste questionário com uma breve análise de suas respostas e um gráfico em porcentagem dos resultados obtidos na população em que foi aplicado. A fórmula utilizada nestes gráficos foi o número bruto de respostas às questões pelo número total de participantes.

Com os dados dos questionários em mãos foi feita uma tabulação, a qual se encontra em capítulo posterior, e baseado nos resultados, realizou-se uma coleta de informações com a intenção de pesquisar, como o docente lida em sala de aula com pessoas que possuem TDA/H.

As análises dos dados junto com a pesquisa foram materiais para a proposta e elaboração de um curso de capacitação aos professores com a finalidade de melhorar tanto a aprendizagem das pessoas com TDA/H quanto à prática docente em relação aos mesmos.

Este curso de capacitação utilizou como ferramentas facilitadoras o método colaborativo, as informações coletadas em questionário sobre a realidade dos integrantes do grupo em relação ao TDA/H e recursos midiáticos tais como a própria internet para não solucionar de uma forma rápida todas as dúvidas dos professores, mas fazer com que possam ter ferramentas e conhecimento facilitador na busca de resposta as suas futuras dúvidas.

A fim de tornar confiável a aplicação dos módulos, optou-se por incluir no módulo um observador externo. Assim sendo, uma opinião de fora enriqueceu a coleta de dados observáveis e simultaneamente, afastou a possibilidade de monopólio de informações coletadas ou unilateralidade de percepção.

O observador disponibilizado pela instituição foi a pedagoga da escola, a qual colaborou prontamente e entrou em consenso do que observar, ou seja, interação colaborativa além de interesse e participação do grupo diante do assunto em questão de forma a não tomar partido ou induzir participantes a tomadas de decisões. Este preparo ocorreu durante um treinamento, o qual a deixou mais informada sobre a aprendizagem colaborativa e suas vantagens além de um breve resumo sobre o TDA/H para deixá-la a par do que será ministrado nos módulos.

Durante a aplicação dos módulos, relatou que não só observou, mas sim aprendeu juntamente com o grupo. A experiência serviu para aproximá-la da equipe de professores, percebendo suas dificuldades e potenciais. Seus comentários sobre o grupo foram importantes no sentido de que transpareceu uma mudança percebida nos integrantes do grupo por parte da pedagoga, a qual convive com os mesmos diariamente.

Da mesma forma que a sociedade e seus costumes são constantemente adaptados e transformados, a prática em sala de aula também deve ser adaptada às suas realidades e necessidades. No caso em questão, às necessidades dos que possuem TDA/H. Para que tal fato aconteça, percebeu-se a necessidade de maior conhecimento por parte dos docentes em relação à síndrome em questão, sendo assim foi proposta a capacitação aos professores de forma a enriquecer tanto seus conteúdos assim como suas possibilidades de busca de mais conteúdos através de recursos midiáticos. A direção da escola após pedido formal, em anexo 2, autorizou a realização desta capacitação.

Algo que venha se incorporar ao conhecimento já adquirido dos professores. Uma complementação à sua realidade atual na qual se pretendeu facilitar tanto o preparo para atuar no desenvolvimento dos alunos que possuem TDA/H. Um dos maiores problemas ocorre no aspecto relacionamento interpessoal entre os pares, isto pode acontecer do ponto de vista que a socialização por vezes não é compreendida única e exclusivamente por falta de informação.

Como próprio mecanismo de defesa dos seres humanos descrito por Davidoff (1983, p. 560) como sendo “dispositivos sem a percepção da pessoa a fim de falsificar e distorcer experiências, impulsos, conflitos e idéias ameaçadoras a fim de aliviar a tensão”, desta forma, o sujeito com TDA/H primeiro é rejeitado e em segundo plano, quando acontece, é analisado e entendido. A própria característica humana de se acomodar vem nos proporcionar este distanciamento, pois é mais fácil se afastar do que não entendemos, do que nos adequarmos ao novo e estranho.

Baseando-se nesta característica humana optou-se pela aprendizagem colaborativa, a qual irá proporcionar uma maior socialização de conhecimentos e atitudes. Desta forma se procurará diminuir esse distanciamento entre corpo docente e discente.

Compreendendo-se as dificuldades individuais do ser humano, somado as suas tarefas que muitas vezes reduzem ao mínimo seu tempo disponível para aprimoramento e retirada de dúvidas, decidiu-se implantar nos módulos de capacitação a utilização de recursos midiáticos. Dentre os recursos priorizou-se a utilização da Internet como ferramenta de busca a informações.

Neste processo de formação de professores feito após análise e discussão com a direção da escola, elaborou-se quatro módulos de aproximadamente quatro horas, para o desenvolvimento das atividades que são eles:

O Módulo 1 – Caracterizou-se encontro inicial do grupo onde se discutiu sobre Aprendizagem Colaborativa de forma a perceberem a importância de se unirem e globalizarem seus conhecimentos de forma a amenizarem diferenças e dúvidas;

O Módulo 2 – Envolveu o aprimoramento sobre recursos midiáticos, neste caso, a Internet como ferramenta de busca e aprimoramento de conhecimentos utilizando páginas de busca;

No Módulo 3 – Foi proposto o encontro que subsidiou os professores sobre o histórico do TDA/H explorando como foi conhecido e o quem vem a ser;

O Módulo 4 – Foi reservado para realizar o fechamento da capacitação, comentários sobre e o enfrentamento docente na sala de aula, que possibilitou levantar os avanços atuais a respeito do TDA/H e comentários sobre projetos de pesquisa atuais.

Após cada módulo, foi realizado um questionário investigativo (apêndice 6) sobre a relevância dos mesmos de forma a verificar junto aos professores se o módulo atingiu seu objetivo, se pode ser aprimorado, ou readequado. Desta optou-se por aprimorar os módulos a fim de adaptá-los a realidade do grupo. Este questionário foi repetido ao final dos módulos com a finalidade de avaliar toda a capacitação.

Na quarta e última fase procedeu-se uma avaliação de toda a pesquisa para com o resultado traçar um perfil da realidade. Ou seja, serviu de subsídio para elaboração das considerações finais.

5.2 DESCRIÇÃO DE INTEGRANTES DO GRUPO DE CAPACITAÇÃO

Do total de participantes inicial da pesquisa, doze professores, a escola restringiu apenas cinco professores para participar da segunda etapa da pesquisa efetivamente. Isto ocorreu devido ao fato de que alguns foram demitidos e o quadro de funcionários apresentava-se reduzido. Assim sendo não conseguiriam gerenciar as turmas liberando todos os professores visto que a capacitação foi disponibilizada pela diretoria em dia letivo.

Ao final foram disponibilizados cinco professores e uma pedagoga, a qual auxiliou nas observações do grupo. A formação destes em sua totalidade era de magistério com exceção da pedagoga que era formada em pedagogia, mas ainda não possui especialização.

Dos cinco integrantes, um dos participantes é antigo na instituição e as demais ou são recém contratadas ou atuam a menos de um ano.

5.3 DESCRIÇÃO DOS MÓDULOS DE CAPACITAÇÃO

A seguir descreve-se como foram apresentados os módulos de capacitação para os participantes, e como ocorreram as atividades. Neste íterim, todos os movimentos, ou seja, o passo-a-passo das atividades e tarefas são descritas de forma concisa e clara a fim de evidenciar o instrumento empregado para a formação continuada dos professores com auxílio das tecnologias aplicadas à temática do TDA/H. Ou seja, deixa-se o instrumento de capacitação, para que em próximos intentos de pesquisa, este ou outro pesquisador possa tornar factível a formação de novos grupos de professores aptos a trabalhar com auxílio das tecnologias, em especial, a internet, com o tema TDA/H.

5.3.1 Módulo 1

Introdução:

Este trabalho tem por finalidade orientar a formação de professores que atuam na Escola. Para tanto se elegeu a temática Transtorno ou Déficit de Atenção e Hiperatividade, ou seja, TDA/H. A capacitação, a qual está dividida em 4 módulos. Nestes módulos não foi tratado apenas o TDA/H, mas além deste tema, outros que iram facilitar seu trabalho. Além disto, nas avaliações ocorreram sempre no término dos módulos, com a possibilidade de sugerir outros temas que esclareçam suas dúvidas.

No primeiro módulo pode-se compreender um pouco mais sobre o método colaborativo e como ele pode ajudar as professores, no qual inicia-se pelo tema do segundo módulo, no qual se aprimorou um pouco mais na busca de conteúdos via internet.

Desenvolvimento:

1 – Apresentação de Todos Os Integrantes Do Grupo.

Um a um, cada integrante do grupo se levanta e relata um breve histórico, sobre sua pessoa, profissão e algo mais que ache pertinente. Esta etapa tem a finalidade de aliviar o stress de início de capacitação além de facilitar a quem ministra a mesma, o reconhecimento de singularidades dos integrantes.

2 – Discussão Sobre o Tema “Método Colaborativo”.

Distribuindo papéis numerados, o pesquisador reúne grupos com características diferenciadas para que em um primeiro momento, discutir no grupo o tema abordado. Para esta etapa foi disponibilizado aproximadamente 30 minutos.

A segunda parte da atividade foi a exposição do resumo dos participantes. Nesta etapa, após a apresentação de cada professor, os demais participantes puderam opinar sobre o que foi apresentado.

3 – Dúvidas

Na terceira etapa, o pesquisador complementou o que foi discutido tirando as dúvidas que por ventura permaneceram nos integrantes.

4 – Pesquisa via Internet.

Nesta etapa, foi apresentado o próximo módulo no qual o pesquisador, abriu a questão sobre quem utiliza, como utiliza e para que utiliza a internet.

Depois de um tempo de discussão entre os integrantes, o pesquisador finalizou informando que no próximo módulo iriam começar com uma busca sobre o assunto TDA/H na internet. Para isto, foram até a sala de informática da escola para ter uma breve instrução de como utilizar a internet para pesquisar.

5.3.2 Módulo 2

Revisão de Conteúdos

O pesquisador questionou com os participantes sobre o que foi discutido no módulo anterior e faz uma breve revisão sobre o módulo 1.

Introdução:

No módulo anterior, foi abordada a temática que envolve a aprendizagem colaborativa e mencionou-se sobre pesquisas na internet como instrumento facilitador. Assim, os docentes puderam acessar e conhecer um pouco mais sobre este fascinante mundo da internet e como tirar proveito dele.

Desenvolvimento:

1 – Apresentação dos Componentes Necessários para a Navegação.

Todos os componentes necessários são apresentados, um a um e descrita a função dos mesmos.

2 – Conexão E Utilização De Site De Busca Gratuito.

O pesquisador dividiu o grupo de forma a desmanchar “panelinhas” e distribuiu os participantes entre os computadores com acesso a internet. Demonstrou como se acessa a internet, tanto com rede “dial up” como com sistema ADSL e após os computadores estarem conectados, acessaram sites de busca como www.google.com.

Com os grupos conectados aos sites de busca, sugeriu-se a busca do tema TDA/H. Lançou-se o desafio de que os grupos devem encontrar sites que falem sobre TDA/H para posterior apresentação aos demais grupos.

3 – Apresentação das Pesquisas.

Neste momento os grupos apresentaram o resultado de suas buscas, um a um, para os demais grupos. Após a apresentação, os grupos comentaram suas dificuldades e descobertas.

4 – Perigos.

Houve breve comentário sobre riscos de se entrar em sites mal intencionados bem como, explanação sobre a utilização de antivírus para proteção.

5 – Dúvidas

Nesta etapa, o pesquisador complementou o que foi discutido tirando as dúvidas que por ventura permanecerem nos integrantes.

6 – Informações Sobre O Módulo Seguinte.

O pesquisador informou que no próximo módulo iriam descobrir a origem do TDA/H e começar então a compreendê-lo.

5.3.3 Módulo 3

Revisão de Conteúdos

O pesquisador questionou junto aos participantes sobre o que foi discutido no módulo anterior e fez uma breve revisão sobre os módulos 1 e 2.

Introdução:

Anteriormente, foi abordado a temática da colaborativa e as buscas na internet como instrumento facilitador. O pesquisador então informou que os participantes iriam conhecer um pouco sobre a história do TDA/H.

Desenvolvimento:

1 – O Que é o TDA/H.

Reuniram-se os integrantes em grupos e questionou-se o que sabiam a respeito do tema. Depois de um tempo de discussão entre os grupos foi apresentado o resumo aos demais integrantes até chegarem à uma conclusão.

2 – Histórico.

Após esclarecer o que realmente é o TDA/H, o pesquisador comentou o histórico do TDA/H. Os nomes pelo qual foi conhecido e suas características.

3 – Tipos de TDA/H.

Lançou-se ao grupo a pergunta sobre os tipos de TDA/H e após as conclusões descreveu-se os tipos, sendo eles: Hiperativo, desatento e misto.

4 – Características dos Tipos de TDA/H.

Houve um breve comentário sobre as características de cada tipo de TDA/H e a ligação dessas características com a prática em sala de aula.

5 – Dúvidas

Nesta etapa, o pesquisador complementou o que foi discutido, esclarecendo as dúvidas que por ventura permanecerem nos integrantes.

6 – Informações sobre o módulo seguinte.

O pesquisador então informou que no módulo seguinte comentaria sobre o que se sabe atualmente sobre o TDA/H e o que se tem tentado descobrir.

5.3.4 Módulo 4

Revisão de Conteúdos

O pesquisador questionou com os participantes sobre o que foi discutido no módulo anterior e faz uma breve revisão sobre os módulos 1, 2 e 3.

Introdução:

Em breve comentário, o pesquisador lembrou o histórico do TDA/H, e observou então que falaria mais sobre a atualidade, o que se sabe e o que se procura descobrir.

Desenvolvimento:

1 – Características dos Tipos de TDA/H e Atitudes a Serem Tomadas.

Reuniram-se os integrantes em grupos e questionou-se sobre o que poderíamos fazer em sala de aula para atenuar as dificuldades das pessoas com TDA/H. Após a discussão procurou-se montar um quadro onde todos os grupos colaboraram na busca de atitudes.

2 – O Que se Sabe?

Houve um momento expositivo, onde o pesquisador comentou sobre o TDA/H. Como se manifesta, entre outros dados importantes a respeito da temática abordada.

3 – O Que se Procura Saber?

Informação ao grupo sobre trabalho atual que se destina a descobrir mais sobre o TDA/H.

4 – Como Reagir ao TDA/H.

O pesquisador comentou sobre a importância da união entre família e escola no tratamento do TDA/H.

5- Diagnóstico.

Como é feito e por quem é feito.

6 – Dúvidas

Nesta etapa, o instrutor complementou o que foi discutido, tirando as dúvidas que remanesciam entre os participantes.

7 – Agradecimentos ao Grupo e Disponibilidade para Informações Posteriores.

Após agradecer a presença de todos, o pesquisador disponibilizou a forma de contato para contatos futuros.

Ao final, com a finalidade de adaptar os módulos à realidade dos professores em questão e, além disso, documentar o desenvolvimento dos mesmos, elaborou-se após cada módulo uma avaliação qualitativa tanto do conteúdo como do módulo em si, o instrumento de investigação encontra-se no apêndice 6.

8 – Referências utilizadas no curso de formação de professores com emprego de tecnologias, voltadas ao TDA/H.

BEHRENS, Marilda A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: BEHRENS, Marilda, MASETTO, Marcos, MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000

COLETÂNIA de técnicas de ensino: o repensar do processo/aprendizagem. Curitiba: Champagnat, 1993.

HALLOWELL, Edward M. **Tendência à distração**: identificação e gerência do distúrbio do déficit de atenção (DDA) da infância à vida adulta. Tradução André Carvalho; revisão técnica Gilberto Ottoni de Brito. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1999.

MELLO, Márcia Homem de. **Depoimento de uma leitora dessa página, portadora de TDAH, mãe de um adolescente também com TDAH** Disponível em: <http://http://www.homemdemello.com.br/psicologia/tda depoimento.html>. Acesso em: 24 maio 2007.

PEÑA, Maria De Los Dolores Jimenes. **Ambientes de aprendizagem virtual: o desafio á prática docentes**. [S. L.:s. n.], [2004].

PROL, L. C. A.; NETTO, F. C. de S.; CASTRO, M. P. **Aprendizagem colaborativa**. Disponível em:< <http://www.projeto.org.br/mapas/gac.htm>> Acesso em: 30 abr. 2004.

SANTOS, Resciel Gerson. A aprendizagem colaborativa e as inteligências múltiplas. **In: Anais EDUCERE – Congresso de educação da PUCPR.** Curitiba: Champagnat, 2006.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Como chamar as pessoas que têm deficiência.** São Paulo, SP: RNR, 2003.

SUZUKI, Simone. O equilíbrio em crianças em idade escolar com transtorno de déficit de atenção / hiperatividade. **Fisioterapia em Movimento**, Curitiba, v. 18, n 3, p. 49-54, jul/set. 2005.

TECNOLOGIA Educativa. **Aprendizagem colaborativa assistida por computador.** Disponível em: <http://www.minerva.uevora.pt/cscl/index.htm#Aproximação>. Acesso em: 15 jun. 2007.

TOPCZEWSKI, A. **Hiperatividade: como lidar?** São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 1999.

TORRES, P. L.; MARRIOTT, R. C. V. **Tecnologias educacionais e educação Ambiental: uso de mapas conceituais na aprendizagem.** Curitiba: FAEP, 2005.

5.4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS CONTRIBUIÇÕES DOS PROFESSORES NOS MÓDULOS APLICADOS

Por motivos de força maior, a direção selecionou previamente uma amostragem de professores para participarem dos módulos de capacitação de professores sobre TDA/H, na educação básica.

Desde o primeiro módulo podem-se perceber a colaboração do grupo com a finalidade de aprenderem o máximo possível, anotando todos os dados e dúvidas em suas agendas, cadernos e folhas avulsas disponibilizadas pela própria escola.

No primeiro módulo, uma das professoras demonstrava sentir-se ameaçada pela forma colaborativa, tentava comandar o grupo e questionar todos os conteúdos com a finalidade de obter toda atenção para sua própria pessoa.

A observadora (pedagoga da escola) posteriormente informou que a professora em questão tem por costume questionar tudo e querer decidir tudo por todos. Embora nem todos concordem com esta atitude, acabam aceitando por “medo” da professora em questão visto que a mesma intimida as demais com tom de

voz e enfrentamento direto. Inclusive em sala de aula, acaba realizando atividades que os alunos deveriam realizar.

Já no segundo módulo a professora em questão ficou mais calada e deixou o grupo interagir de forma mais colaborativa. Foi possível perceber que nenhuma das professoras presentes possuía conhecimentos avançados de Internet e durante o desenvolver das atividades se empolgaram bastante com as possibilidades que estavam sendo abertas.

Abaixo, na Figura 1 podemos observar a página inicial do Google, site de busca apresentado às professoras neste módulo dois da capacitação. Site este que apresenta possibilidades de pesquisa tanto em português como em outros idiomas, podendo ser configurado conforme as necessidades de cada pesquisador. A pesquisa é feita de forma rápida e abrangente. Uma das desvantagens é a coleta de informações repetidas e sites desatualizados ou fora de serviço. Por outro lado, sabendo-se analisar os resultados obtidos pelo site de busca, encontra-se material de estudo atual de forma rápida e produtiva. Outra possibilidade é a pesquisa de imagens ou figuras para exemplificar conteúdos.



Figura 1 – Imagem do site de busca utilizado no módulo 2.

Fonte: Google.

Durante a capacitação, foram freqüentes os comentários e interrupções do assunto para questionar outras descobertas que, enriqueceu o conhecimento das mesmas.

Todos os conteúdos que eram encontrados nas páginas da Internet, eram motivos para comentário com as demais professoras no sentido de enriquecer o material que utilizavam em sala de aula.

Na figura 2, abaixo, pode-se observar a forma como se tem os resultados de pesquisa. Neste exemplo digitou-se TDAH no assunto a ser pesquisado e através da opção páginas em português, encontrou-se 61.500 páginas que falam a respeito do assunto. O resultado é obtido em forma de links que direcionam o pesquisador para outras páginas. Nestes links é possível encontrar resumos do assunto, ou títulos que em grande maioria estão corretos salvo alguns casos de propaganda ou página inacessível devido a problemas técnicos ou retirada de conteúdo da Internet. Mais uma vez cabe salientar que os conteúdos encontrados devem ser analisados pelos professores, pois não podem ser encarados como verdade absoluta. Alguns destes conteúdos podem estar desatualizados ou até mesmo equivocados por motivos diversos.

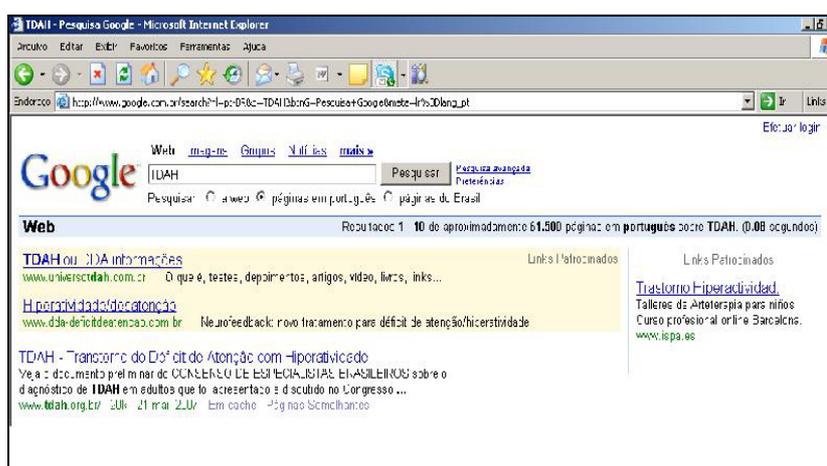


Figura 2 – Imagem da tela de apresentação de resultados da pesquisa sobre TDAH no site www.google.com.

Verificou-se que mesmo de posse dos recursos da Internet na escola, os professores não possuem acesso livre, isto ocorre em decorrência de políticas de uso dos equipamentos (computadores) que não são bem claras e ou definidas, acabando por privilegiar um ou outro sem considerar as necessidades reais de pesquisa pelo corpo docente, estas decisões advêm da direção da instituição.

A administração da escola não permitiu filmagem ou gravação da aplicação dos módulos, mesmo após explicação de que seria maior a coleta de informações para futuro retorno de informação aos próprios professores.

Após sugestão de sites para busca, relacionados no capítulo posterior, o silêncio tomou conta da turma de professores, os quais não queriam perder nem um

momento. Buscavam um site após o outro, anotando informações e algumas anotando passo a passo como se chega até estes sites.

O contato com a tecnologia, em especial a internet possibilitou aos professores o trabalho com a aprendizagem colaborativa. Sendo que, nesse momento foi possível identificar o processo de parceria e aprendizagem colaborativa que tiveram ao acessar a rede de informações e coletar dados para suas aulas.

Mesmo após o término do tempo estipulado pela direção, para a formação os professores queriam ficar mais nos computadores, coletando as mais variadas informações.

O contato com a tecnologia em especial, o acesso à internet possibilitou aos professores vivenciar a aprendizagem colaborativa, para a qual, foram prontamente ajudadas pelas professoras que incorporaram mais facilmente o conteúdo. Algumas tiveram dificuldades básicas, como por exemplo, à coordenação motora com o mouse.

O pesquisador pode perceber através dos comentários positivos da observadora que atua como pedagoga da escola e que acompanhou o processo, quando apontou que neste segundo módulo os professores se uniram e trabalharam de forma colaborativa, deixando de lado suas diferenças e aprendendo todas umas com as outras.

Neste módulo foi implantada a utilização da internet devido suas inúmeras vantagens entre as quais, destacam-se: Maior interatividade entre os professores, facilitando a busca do conhecimento; Comodidade, não precisando percorrer distâncias para se chegar ao conhecimento; Grande flexibilidade de acesso, podendo conectar-se tanto no serviço, como na residência, em “*Lan houses*” ou demais locais; Acesso a conteúdos mundiais e; Possibilidade de formação de grupos de estudo a distância.

Assim, pode-se verificar que a Internet segundo Smith e Gibbs apud Berbel e Giannasi (1999 p. 52) bem observam, a necessidade traduzi-la da forma mais simples possível, ou seja, “comunicação”. Essa rede de computadores interligados tem a finalidade de comunicar, ligar pessoas e conteúdos através de textos, imagens, filmes e programas.

Segundo Souza (2006)

Atualmente, a popularização das TICs, do computador, da Internet, das salas de multi-meios, laboratórios e das salas-ambiente nas escolas, vêm configurando-se como um recurso poderoso no processo de ensino-

aprendizagem, tendo-se a perspectiva de que as novas tecnologias educacionais trarão mudanças ainda mais significativas às práticas pedagógicas.

Não vejo estes recursos como substitutos dos professores em sala de aula ou até mesmo no ensino à distância, mas sim como ferramentas poderosas que facilitaram o trabalho dos professores e o aprendizado dos alunos de forma a enriquecer o conhecimento de ambas as partes.

Esses recursos podem unir os laços entre professores e alunos, desde que se percebam como uma equipe que aprende a aprender construindo seus conhecimentos em parceria. O professor como um facilitador no processo de ensino aprendizagem diminui as barreiras que existem entre ele e os alunos. Não sendo visto como o detentor de todo o conhecimento, pode aprender com os alunos e encoraja-los a exporem suas realidades e necessidades, podendo assim adaptar o conhecimento para que possa ser utilizado com mais freqüência no dia a dia dos alunos.

Não pretendia retirar todas as dúvidas dos professores nos módulos que foram aplicados, devido à restrição de tempo disponível dos professores e amplitude da riqueza dos conhecimentos que deveriam ser acessados. Procurou-se auxiliar os mesmos, nas formas que pudesse sanar suas dúvidas e aprimorar ainda mais utilizando os recursos tecnológicos disponíveis, tais como a Internet e seus sites de busca, assim como, o próprio e-mail do pesquisador.

Desta forma justifica-se o porquê de utilizar a tecnologia em uma capacitação de TDA/H. Pois novas dúvidas iriam surgir no decorrer de suas tarefas e da utilização das tecnologias, assim como um suporte para pesquisa, estas poderão ser esclarecidas de forma mais simples e imediata. Da mesma forma que alunos e professores podem trabalhar colaborativamente se unindo. Docentes podem se unir uns com outros e assim esclarecerem suas questões de forma mais rápida.

No terceiro módulo, foi proposto o assunto principal, TDA/H da formação focalizada na temática do TDA/H. Os professores surpreenderam-se com o assunto alegando que, embora convivessem com “possíveis” casos em sala de aula, não sabiam do que se tratava ou como lidar com o assunto.

Foi necessário interromper os comentários e salientar que para se saber se realmente era ou não um caso de TDA/H deveria ser feito encaminhamento dos

alunos para profissionais de saúde que pudessem elaborar avaliações médicas que contestariam ou não a veracidade ou não da suspeita.

Logo foi lembrado para que as mesmas não corram os riscos de rotular alunos ou até mesmo discriminá-los. As quais concordaram e começaram a criticar umas as outras lembrando casos de rotulação e discriminação, muitos não tendo nada a ver com TDA/H. Assim que se acalmaram e retornaram ao conteúdo da capacitação, novamente surpreenderam-se com a informação de que o TDA/H não é um assunto novo, mas sim passa por estudos há anos.

A seriedade e dedicação voltaram a reinar no grupo de forma a comentarem que na primeira oportunidade iriam pesquisar na internet mais informações sobre o assunto, afirmando que o mesmo é freqüente em sala de aula e até então não haviam tomado consciência disto.

Segundo relatos das professoras, a atitude até então tomada em sala de aula era ignorar a diferença da criança ou até mesmo chegar a extremos de suspensão (umas olham para as outras como quem cobra ou culpa as demais).

O módulo foi apresentado um aproveitamento conforme mostram os dados da tabulação da avaliação feita ao final, junto com alguns comentários das professoras que mesmo após o término do horário estipulado, continuavam querendo saber mais sobre o assunto.

Devido a fatos envolvendo a diretoria da instituição, houve certa demora para que liberassem o quarto e último módulo, mas assim que o fizeram foi realizado com grande aceitação das professoras, as quais comentaram com demais professoras que não foram liberadas pela diretoria a participar dos módulos, causando sentimento de perda pelas mesmas.

Logo no início do quarto módulo, foi possível observar que as professoras apresentaram informações sobre o TDA/H, às quais encontravam na internet e trocaram entre si para aprofundar seus conhecimentos, dando a idéia de que absorveram o conteúdo do módulo anterior e já o colocaram em prática, fazendo buscas e comentando seus resultados entre as integrantes.

Da mesma forma que o terceiro módulo, este transcorreu de forma tranqüila e com grande nível de interesse por parte das integrantes. A maior surpresa por parte do grupo foi a falta de pesquisa e descobertas a respeito do tema visto sua importância e percentual de incidência em salas de aula.

Por intermédio do relato da pedagoga e comentários das professoras que, o grupo agiu de forma coesa e colaborativa em todos os módulos, levando a crer que os objetivos dos módulos foram atingidos e até mesmo superou-se as expectativas, mesmo com a divergência de uma das integrantes no primeiro módulo, a qual, a partir do segundo módulo, interagiu e aceitou a metodologia inclusive relacionando-se melhor com as demais integrantes (segundo relato da pedagoga).

No diálogo informal com os professores foi possível observar pelas contribuições que, os módulos foram extremamente produtivos de forma a aumentar em muito seus conhecimentos e prepara-las para melhor desempenharem suas atividades em sala de aula.

Comentaram que além de aprender a aprender, puderam aprender a se unir mais e umas colaborarem com as outras, crescendo como profissionais e como pessoas. Agradeceram principalmente a oportunidade de aprenderem a utilizar a internet a favor de suas necessidades. Duas integrantes chegaram a relatar que iriam financiar computadores um para cada, afim de pesquisarem conteúdos que possam enriquecer suas aulas. A pedido das mesmas, selecionaram-se alguns sites voltados à educação para que possam acessá-los. Os mesmos encontram-se no apêndice 4.

5.5 INSTITUIÇÃO:

Instituição particular filantrópica sem fins lucrativos, mantida por entidade religiosa, situada em Curitiba, tratada como Escola. É importante registrar que a escola foi designada como Escola, de maneira a salvaguardar o anonimato da instituição. Hierarquia familiar, onde trabalham e coordenam juntos pai, mãe, filha, sobrinho e esposa além de membros da instituição religiosa.

A estrutura é de pequeno porte comportando cerca de 350 alunos do pré à quarta-série em 10 salas de aula, 01 refeitório, 01 cozinha, 07 banheiros, 01 biblioteca, 01 sala de informática, 01 quadra de futebol aberta, 01 playground coberto e com areia e 01 pátio aberto com piso de cimento.

O período de funcionamento é de manhã e tarde de segunda-feira à sexta-feira. O quadro de funcionários é composto de 02 faxineiras, 01 cozinheira, 01

auxiliar de cozinha, 15 professoras, 01 pedagoga, 01 orientadora, 01 psicólogo e psicopedagogo, 01 secretária, 01 diretora administrativa e 01 diretor geral.

A escola apresenta uma disciplina rígida onde todas as decisões são impostas pelo diretor geral. A escola possui uma mantenedora religiosa na qual o diretor geral é, o próprio presidente. A instituição é mantida por mensalidades de alunos particulares e convênios com a prefeitura, onde recebe doações em dinheiro, gêneros alimentícios e de limpeza além de doações esporádicas de políticos e instituições.

Fundada pelo pai do atual diretor, permanece em funcionamento a mais de 10 anos tendo a intenção de implantar posteriormente nível superior. As decisões são discutidas num conselho e apreciadas pelo presidente.

Projetos de ampliação que incluem a compra de propriedades para futuras instalações de uma universidade se encontram em andamento visto que a estrutura atual não comporta mais a quantidade de alunos existentes do pré à quarta-série. Anteriormente atendia-se até a oitava série, mas por questão de estrutura insuficiente, este ano optou-se por atender apenas até a quarta-série.

Por motivo de crise financeira seu quadro de funcionários foi drasticamente reduzido durante o período deste ano, sendo um dos motivos pelo qual não foi possível à liberação de mais funcionários para o envolvimento na proposta.

5.5.1 Breve histórico da instituição (1994 – 2007)

A mantenedora designada foi fundada em abril de 1994, com o objetivo único de trabalhar na área de serviço social filantrópico, educacional e assistencial.

De início criou-se à creche comunitária com atendimento de crianças de 3 meses a seis anos sentindo a carência de apoio adolescente, criou-se a APOCA, com o objetivo de trabalhar com crianças de 7 a 14 anos de idade, apoiando-os com reforço escolar, aulas de cidadania, lazer, alimentação e outros. No ano de 1995 foi criado o artesanato DORCAS, com objetivo de confecção de artesanatos para obtenção de recursos a serem usados na manutenção da entidade. Os primeiros materiais confeccionados foram os pares de chinelos e os uniformes escolares, graças ao recebimento, de doação de um fardo de pano verde.

A creche cresceu e passou à escola atendendo até à 4ª série e no ano de 2005 ampliou seus serviços para 5ª à 8ª séries. A instituição alcançou todos os tipos de documentação, necessárias para seu funcionamento legal. Dentro desta instituição, vem se destacando uma equipe de profissionais, empenhados, nas diversas áreas, com o objetivo de aprimorar e melhorar o funcionamento de cada setor.

Neste sentido a entidade, prove de interesses e objetivos coesos, não só por parte da equipe técnica e pedagógica, mas também administrativa. Vem realizando grande esforço na busca do constante crescimento e “valorização do ser humano” envolvido, sejam pais, avós, esposas, filhos, filhas, alunos, funcionários e conselho diretivo-administrativo.

Finalizando, a descrição da instituição por meio de cada órgão, sob sua manutenção, tem e, oferece cada dia o melhor. Estes dados e os do tópico anterior foram retirados do projeto pedagógico da instituição.

5.6 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA 1ª FASE DA PESQUISA

É notório o fato de qualquer tipo de trabalho científico apresentar determinadas limitações. Tais limites explicam-se por que os assuntos tratados ocorrem, via de regra, em ambientes dinâmicos, com as mudanças ocorrendo em grande velocidade e escala. Com isso, é inegável que, findo determinado estudo, não só determinadas variáveis deixem de ser analisadas, como diversas outras apareçam – ou possam aparecer – durante o transcorrer da elaboração da pesquisa.

Assim, foram aplicados os questionários de pesquisa a serem respondidos por até doze professores na primeira etapa da pesquisa, sendo que na segunda etapa sobraram cinco participantes da mesma.

Os gráficos abaixo explicitam os dados coletados no questionário inicial aplicado aos professores da Escola envolvida no estudo teve por finalidade, pesquisar o conhecimento dos professores a respeito do assunto TDA/H. Estes dados foram utilizados para a elaboração da capacitação.

Na questão de nº. 1, os professores foram indagados sobre o seguinte aspecto: Você já ouviu falar sobre TDAH? As respostas foram organizadas na figura 3.

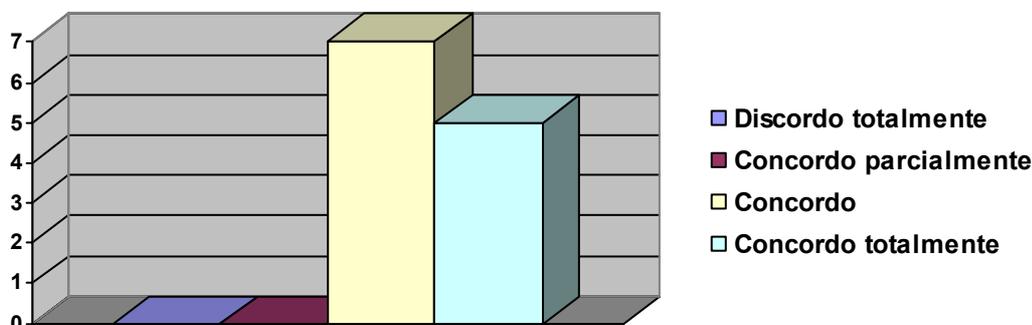


Figura 3 – Incidência de respostas sobre o ouvir falar sobre TDAH/H

Todos os participantes já ouviram falar sobre o Transtorno ou Déficit de Atenção / Hiperatividade, levando-se a crer na importância do assunto nos dias atuais e na realidade dos mesmos. A síndrome em questão já é do conhecimento dos docentes que atuam dia a dia nas salas de aula.

Questão 2. Incidência de casos de TDAH/H. Representada no Figura 4, o questionamento sobre: Presenciou algum caso de TDAH/H? Permitiu levantar a opinião dos professores.

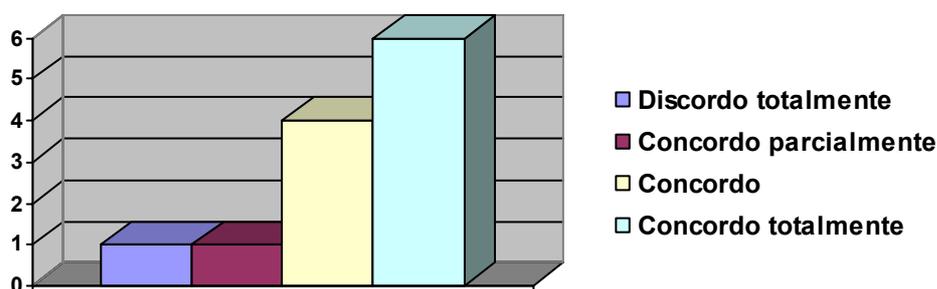


Figura 4 – Incidência de casos de TDAH/H presenciados.

A grande maioria dos docentes envolvidos teve contato com alunos com TDAH/H levando-nos a crer, mais uma vez na demanda de informações visto que os casos estão cada vez mais frequentes na realidade docente. Uma pequena

quantidade que concorda parcialmente em ter presenciado algum caso de TDA/H nos leva a pensar na hipótese de dúvida de diagnóstico por falta de conhecimento sobre o assunto.

Cabe salientar que estas respostas não estão levando em conta diagnóstico clínico, mas sim a possibilidade relatada por professores de, possuírem ou terem possuído contato com alunos com TDA/H. Baseado no conhecimento dos professores, relataram que já presenciaram casos de TDA/H seja em sua sala de aula ou em sua escola.

Questão 3 - Convívio com TDA/H. Os professores ao responderem a questionamento: Atualmente convive com casos de TDA/H? Permitiu levantar seus posicionamentos na figura 5:

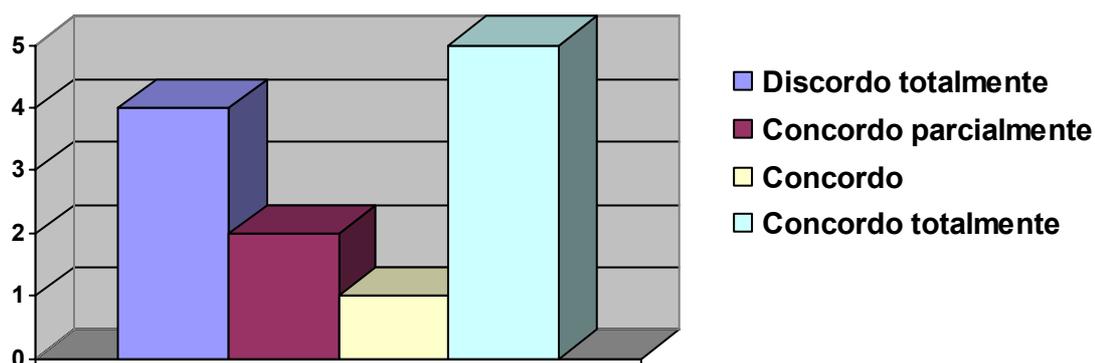


Figura 5 – Incidência de casos de convívio com TDA/H.

Grande parte dos entrevistados admite conviver atualmente com casos de TDA/H, demonstrando ser uma realidade cotidiana na qual devem estar preparados para poder lidar com turmas em que existam alunos com TDA/H entre os membros devido à influência que os mesmo possuem diante do resto da turma em sala de aula.

Mais uma vez, salientamos que não foi feito nenhum diagnóstico clínico mas sim a desconfiança dos professores em relação a possuírem alunos com TDA/H em suas salas de aula. Para se ter certeza destes fatos, seria necessário encaminhar os alunos à profissionais capacitados para avaliação, mas como essa não é a nossa prioridade, levou-se em conta o conhecimento inicial dos professores.

Questão 4 - Os docentes foram indagados: Já ouviu falar de algum tratamento? Este questionamento permitiu levantar as contribuições dos professores como segue na figura 6.

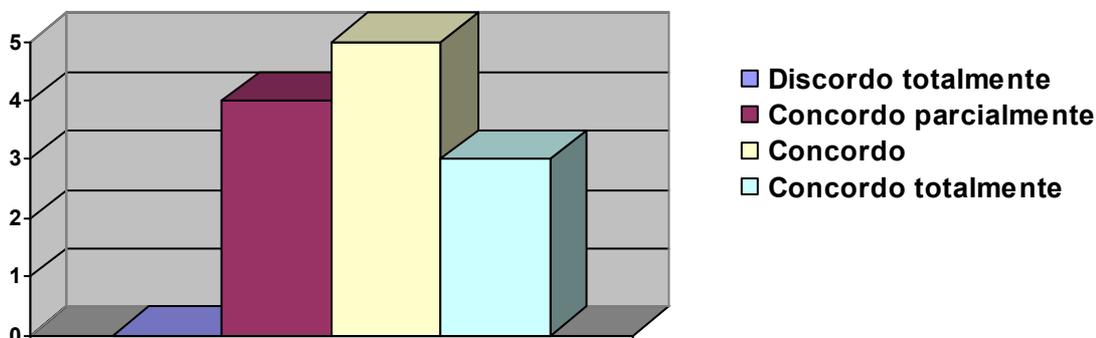


Figura 6 – Conhecimento de tratamentos voltados ao TDA/H.

Todos os participantes já ouviram falar sobre tratamento para o TDA/H, cabe salientar que eles fazem parte deste tratamento e por isso a importância da informação sobre o assunto, de forma a conscientizá-los com relação às mudanças facilitadoras que podem assumir. Segundo relatos de profissionais da área de saúde, Os medicamentos apenas amenizam o comportamento agitado do TDA/H, o relacionamento com os ao seu redor são de vital importância, fazendo com que se sintam aceitos ou não pelo grupo. Como a depressão é freqüente nos casos de TDA/H, o apoio do grupo ao seu redor é de vital importância para o desenvolvimento do mesmo.

Questão 5 - os docentes foram questionados sobre: Possui alguma dúvida sobre TDA/H? Os professores responderam como segue na figura 7:

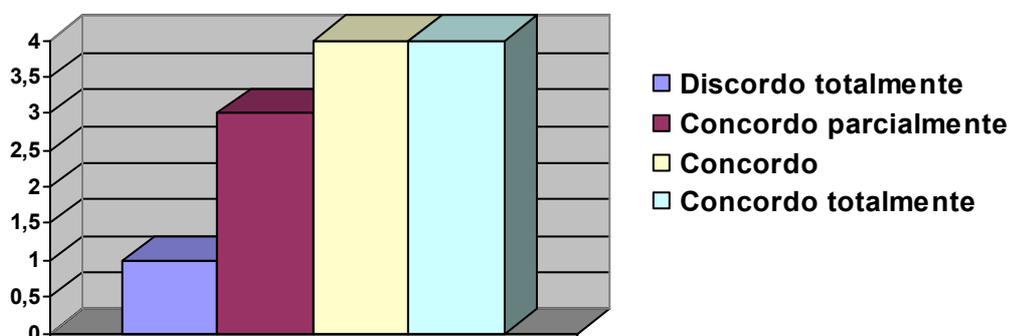


Figura 7 – Incidência de dúvidas sobre TDA/H

A maioria dos participantes admite possuir dúvidas a respeito do assunto, ressaltando a importância de um treinamento com os mesmos para sanar estas dúvidas e aprimorar o conhecimento já existente. Torna-se importante o fato das dúvidas existentes, pois podem facilitar a participação dos professores nos módulos de capacitação. Outro aspecto interessante é o fato de admitir o não saber e assim sendo, possibilitar a busca do conhecimento. A capacitação pretende não só sanar as dúvidas existentes, mas também despertar novos interesses e possibilitar aos integrantes do grupo, desvendar fontes de saber capazes de elucidar suas dúvidas.

Questão 6 - Os professores responderam sobre: Procurou saber mais sobre TDA/H? Este questionamento permitiu angariar as seguintes respostas, dispostas na figura 8:

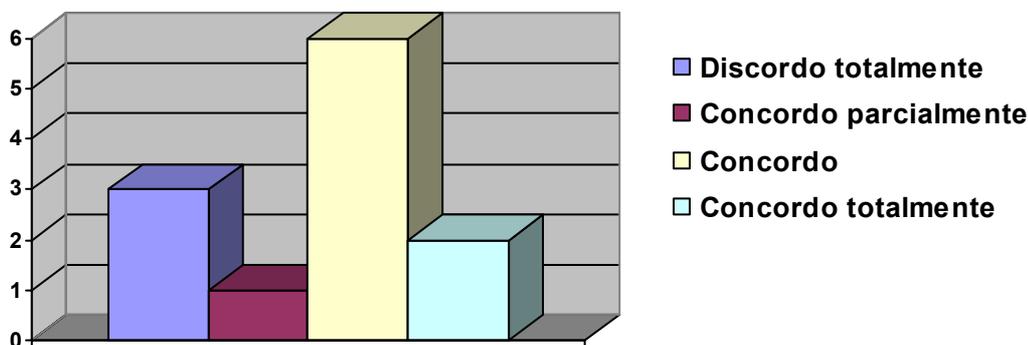


Figura 8 – Incidência de busca de conhecimentos sobre TDA/H.

Por mais que já tenham ouvido falar sobre o TDA/H suas dúvidas ainda são marcantes, salientando a necessidade de uma capacitação que possa tanto diminuir ou até sanar estas dúvidas assim como prepará-los para dúvidas futuras e como desvendá-las.

Durante as palestras ministradas no primeiro projeto de pesquisa, citado no início deste trabalho, pode-se perceber que existe muito conhecimento popular mas este nem sempre é correto, agravando o fato da falta de informação com o acúmulo de informações errôneas. Por possuir comorbidade com outras síndromes e ou doenças, o TDA/H costuma ser confundido ou em muitas vezes, rotulado.

Questão 7 - Os professores foram indagados sobre: Em sua escola existiram ou existem informações sobre TDA/H? Esse questionamento suscitou as respostas que estão demonstradas na figura 9:

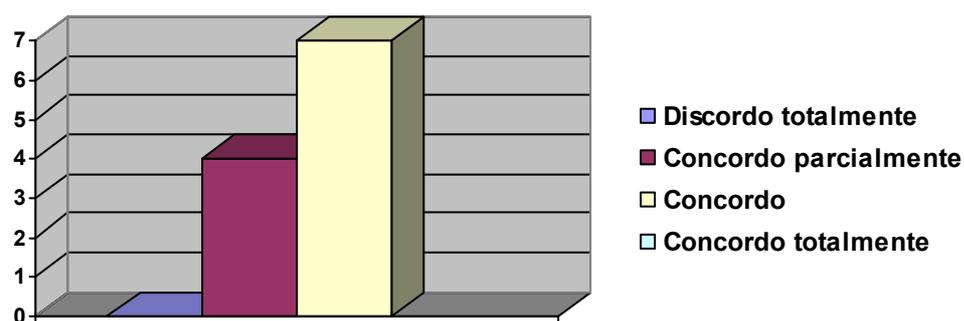


Figura 9 – Presença de informações sobre TDA/H na escola.

Admite-se a existência de informações a respeito do assunto, contudo não tiveram acesso a elas ou não foram suficientes para suprir a necessidade do grupo que em sua totalidade apenas concorda ou concorda parcialmente sobre as existências destas informações. Outra possível causa pode ser a falta de tempo disponível para a pesquisa destas informações na instituição.

Questão 8 - Os docentes foram indagados sobre: Conhece pessoas que saibam pouco sobre TDA/H? Este questionamento permitiu obtermos as seguintes contribuições, dispostas na figura 10:

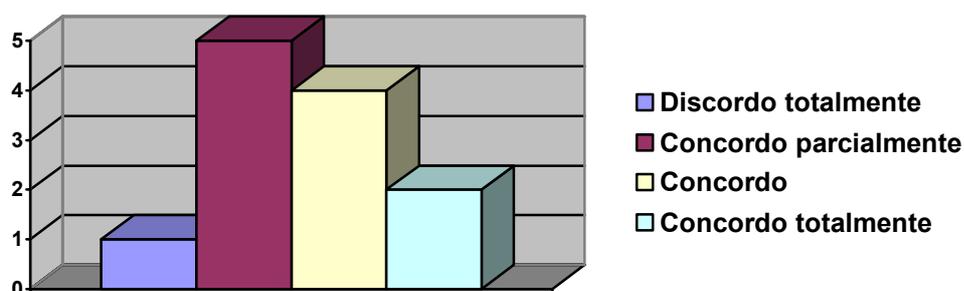


Figura 10 – Conhecimento de pessoas que saibam sobre TDA/H.

Os integrantes afirmam conhecer pessoas com pouco conhecimento a respeito do assunto, reforçando a afirmação anterior de necessidade de aprimoramento das informações com a finalidade de sanar dúvidas e enriquecer o conhecimento já existente.

Questão 9 - Os docentes foram questionados sobre: Pessoas com TDA/H influenciam a sala de aula? O que nos permitiu obter os seguintes resultados, dispostos na figura 11:

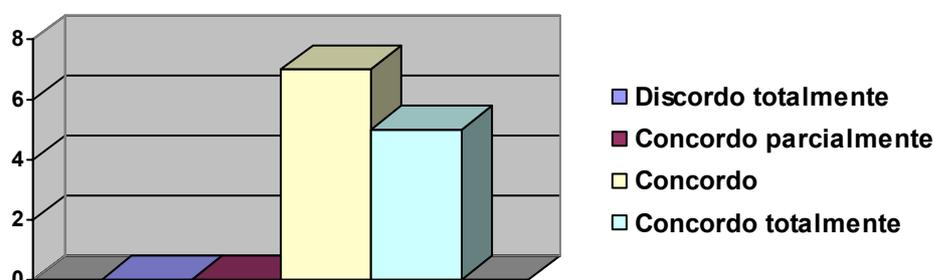


Figura 11 – TDA/H e sua influência em sala de aula.

A afirmação de que as pessoas com TDA/H influenciam a sala de aula demonstra a importância do assunto, pois o que for feito ou não com os mesmos, irá diretamente afetar todos os envolvidos, tanto docentes como discentes. E a percepção desta influência já é um fato marcante capaz de encorajar os professores a realizar esta capacitação.

Questão 10 - Os docentes foram indagados sobre: Sua escola pode se adaptar as necessidades de alunos com TDA/H? Este questionamento permitiu-nos obter as seguintes respostas, dispostas na figura 12:

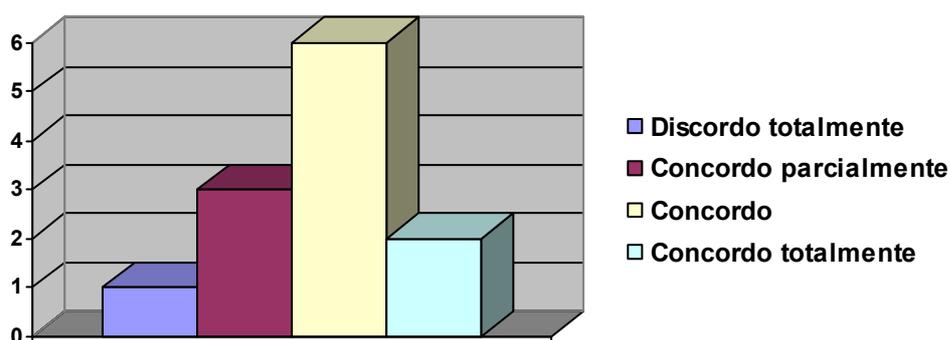


Figura 12 – Possibilidade da escola em se adaptar ao TDA/H.

A flexibilidade percebida com relação à possibilidade de adaptação da escola pode ser positiva desde que os professores aproveitem esta oportunidade em prol do bem estar de toda sala de aula.

Questão 11 - Os professores foram questionados sobre: Já presenciou algum preconceito com relação ao TDA/H? Em resposta obtivemos as seguintes considerações, as quais demonstra-se na figura 13:

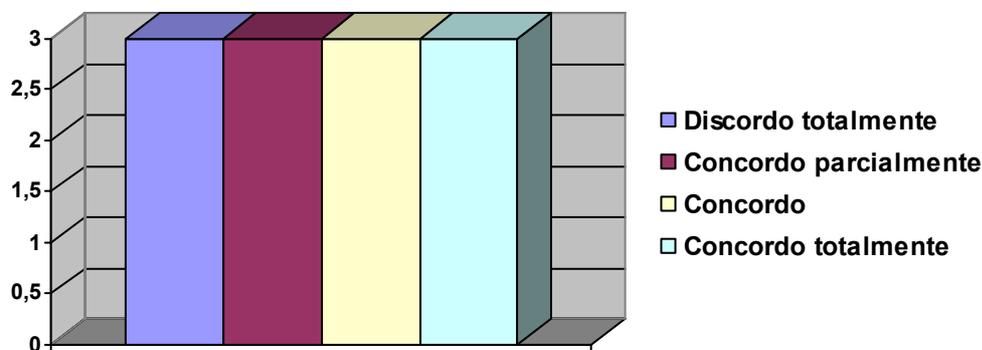


Figura 13 – Preconceito em relação ao TDA/H.

O próprio termo preconceito já se torna questão delicada ao fato que pode ser parte da instituição ou de integrantes da mesma. A igualdade de respostas nesta questão vem sugerir um grande número de casos tanto com, como sem preconceitos, mas por menor que seja o preconceito, influencia diretamente a pessoa com TDA/H e indiretamente os que convivem com o mesmo.

Questão 12 - Os professores foram indagados sobre: Gostaria de saber mais sobre TDA/H? Em resposta obtivemos os seguintes resultados, demonstrados na figura 14:

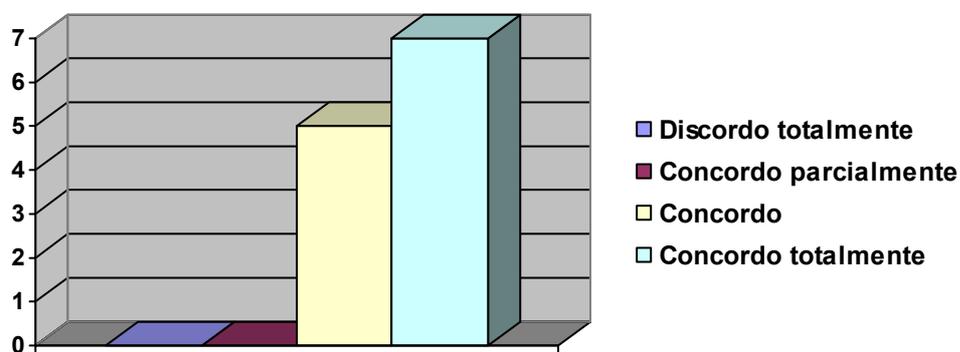


Figura 14 – Interesse por conhecimentos sobre TDA/H.

A grande quantidade de respostas que admitem querer saber mais sobre o assunto vem novamente nos mostrar que é um assunto pertinente à sala de aula e que existe a carência de maiores informações sobre o assunto a qual está fazendo falta no dia a dia dos docentes.

Questão 13 - Os professores foram perguntados sobre: Sua escola permitiria uma capacitação a respeito de TDA/H? Como resposta obtivemos os resultados à saber na figura 15:

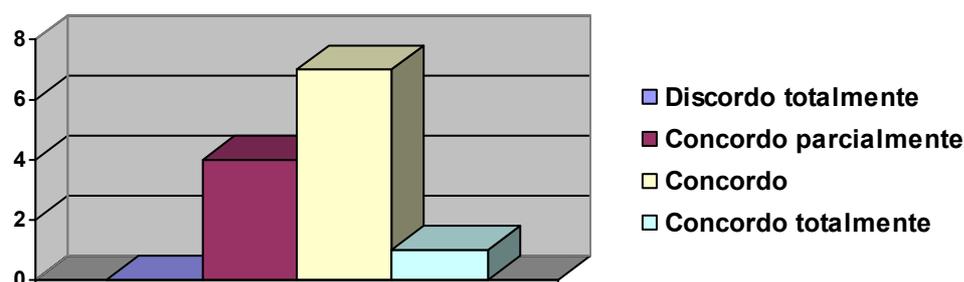


Figura 15 – Aceitação da escola por capacitações.

A resposta desta questão em primeiro plano vem demonstrar a aceitação da necessidade do treinamento e em segundo, a possibilidade em sua maioria de que ocorra uma continuidade do trabalho chegando à capacitação do corpo docente.

Questão 14 - Os professores foram questionados sobre: A seu ver essa capacitação poderia facilitar seu trabalho? Este questionamento permitiu levantar a opinião dos professores ilustrada na figura 16:

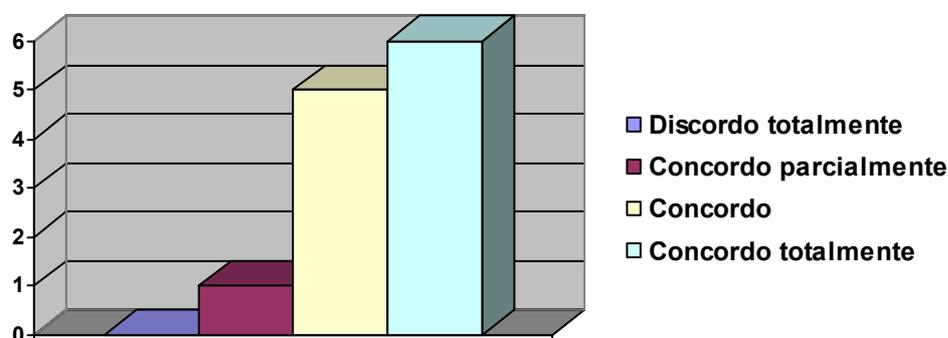


Figura 16 – Influência facilitadora da capacitação.

A opção da maioria pela alternativa em que concorda totalmente que a capacitação pode facilitar seu trabalho vem demonstrar que a classe docente em questão admite a necessidade desta informação e que a falta desta vem dificultando seu trabalho.

Após análise e tabulação deste questionário, foi possível relacionar as principais dúvidas dos integrantes e em conjunto com o orientador elaborar módulos de capacitação, os quais são em número de quatro a pedido da direção da escola a qual questiona o tempo de afastamento dos professores da sala de aula durante sua aplicação.

Estes módulos foram divididos de forma a inicialmente, demonstrar o processo de aprendizagem colaborativa e suas vantagens em relação ao aprendizado do grupo, em segundo plano procurou-se dar ferramentas que possibilitem o professor pesquisar e sanar futuras dúvidas tanto a respeito do TDA/H como qualquer outra dúvida que venha surgir em seu processo de ensino-aprendizagem. No terceiro momento; procurou-se situar o grupo na história do TDA/H descrevendo os fatos marcantes e por último, mas não menos importante, informou-se ao grupo como está atualmente a situação do TDA/H chegando a mencionar pesquisa em andamento que tem a finalidade de descobrir as verdadeiras causas do TDA/H.

5.7 ANÁLISE DOS DADOS DA 2ª FASE DA PESQUISA: FORMAÇÃO DOS PROFESSORES COM UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIA SOBRE O TDA/H

Após ter sido coletado as informações dos professores a respeito de suas necessidades sobre o tema TDA/H, foi elaborado o conteúdo dos módulos de capacitação e as professoras da escola envolvida, que foram liberadas pela direção para participarem destes módulos, responderam o questionário desta segunda fase, logo após cada módulo.

5.7.1 Módulo 1

Este módulo trata do processo de aprendizagem colaborativa, desta forma iniciou-se os módulos com a intenção de que os integrantes atuem de forma colaborativa.

Questão A - Ao indagar os docentes sobre: Como você se sentiu neste módulo? As contribuições permitiram construir este gráfico ilustrado na figura 17.

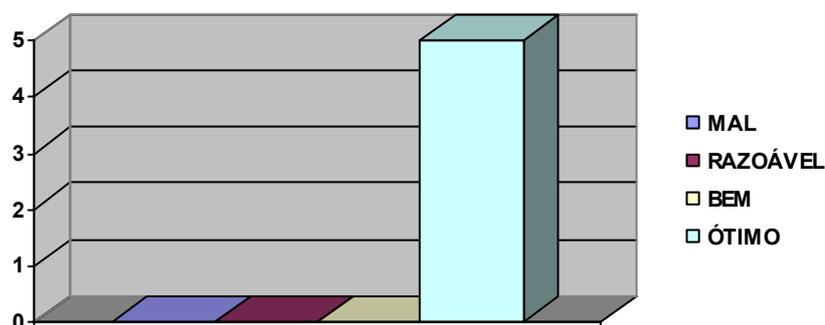


Figura 17 – Sentimento pessoal no módulo 1.

De forma geral o grupo informou ter se sentido bem no que diz respeito a aceitação do módulo e aplicação do mesmo.

Questão B - Os professores foram indagados sobre: Os conteúdos apresentados foram pertinentes ao tema em questão? Em resposta obtivemos os seguintes resultados ilustrados na figura 18:

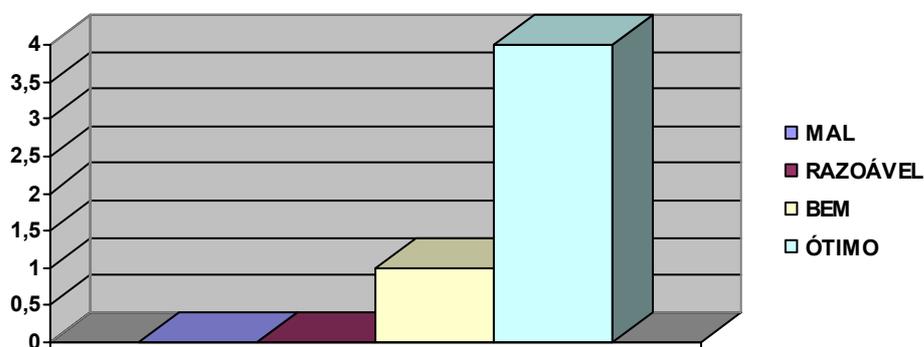


Figura 18 – Pertinência dos conteúdos no módulo 1.

O grupo por meio das respostas demonstra concordar com a pertinência dos conteúdos neste módulo.

Questão C - Os professores foram questionados sobre: Suas dúvidas foram esclarecidas? Obtivemos as seguintes respostas ao questionamento apresentado, explicitadas na figura 19:

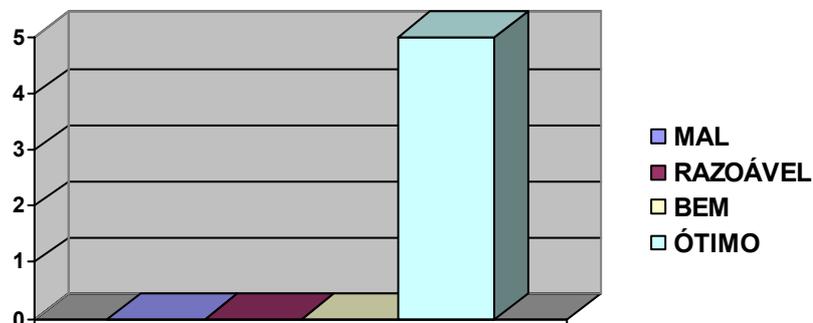


Figura 19 – Esclarecimento de dúvidas no módulo 1.

A incidência destas respostas nos leva a crer que as dúvidas oriundas deste primeiro módulo foram sanadas.

Questão D – Os professores foram questionados sobre: Os temas abordados foram suficientes para o esclarecimento de suas dúvidas? Em resposta obtivemos os seguintes resultados, expostos na figura 20:

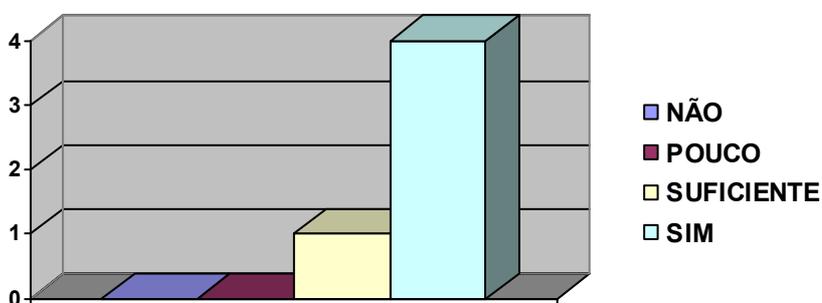


Figura 20 – Temas abordados e o esclarecimento de dúvidas no módulo 1.

Por meio destas respostas acredita-se que os temas abordados neste módulo foram eficientes no que diz respeito a esclarecer dúvidas que tenham surgido.

Questão E - Os professores foram convidados a responder sobre: O tempo destinado ao módulo foi satisfatório? Em resposta obtivemos os seguintes resultados, demonstrados na figura 21:

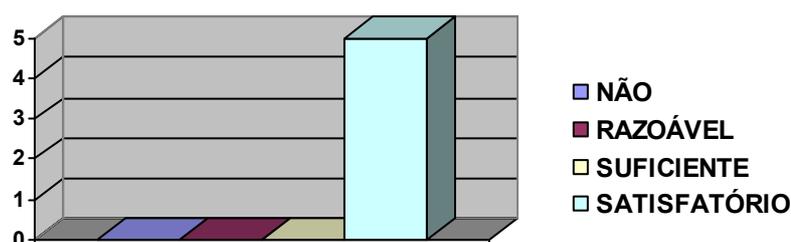


Figura 21 – Satisfação com relação ao tempo do módulo.

Esta questão nos leva a crer que a duração de 4 horas do módulo não se tornou cansativa e ao mesmo tempo foi capaz de suprir as necessidades do grupo.

Perguntado aos professores: A seu ver, que outros temas devem ser abordados? A resposta obtida de dois professores foi: PowerPoint, Word, Educação à distância.

5.7.2 Módulo 2

Este módulo trata de formas de busca de informações na internet, com a finalidade de aprofundar seus conhecimentos utilizando recursos e ferramentas disponíveis na internet.

Questão A – Os professores foram indagados sobre: Como você se sentiu neste módulo? As respostas obtidas encontram-se dispostas na figura 22.

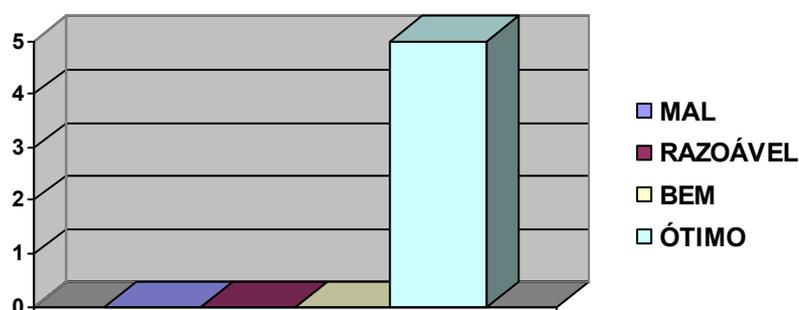


Figura 22 – Sentimento pessoal no módulo 2.

De forma geral o grupo informou ter se sentido bem no que diz respeito a aceitação do módulo e aplicação do mesmo, da mesma forma que ocorreu no primeiro módulo.

Questão B – Os professores foram indagados sobre: Os conteúdos apresentados foram pertinentes ao tema em questão? Este questionamento permitiu-nos obter os seguintes resultados, dispostos na figura 23:

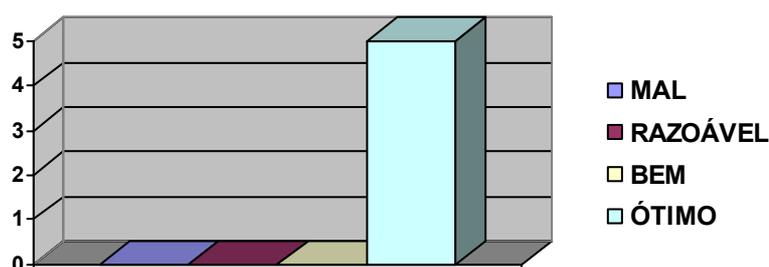


Figura 23 – Pertinência dos conteúdos no módulo 2.

O grupo através das respostas demonstra concordar com a pertinência dos conteúdos neste módulo.

Questão C – Os professores foram convidados a responder sobre: Suas dúvidas foram esclarecidas? Este questionamento permitiu-nos levantar as seguintes opiniões dos professores, expostas na figura 24:

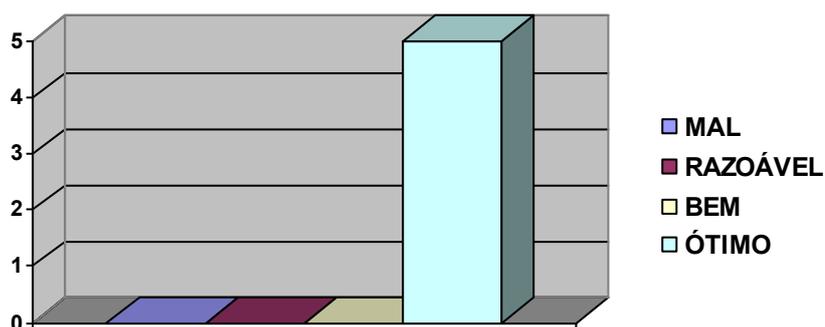


Figura 24 – Esclarecimento de dúvidas no módulo 2.

A incidência destas respostas nos leva a crer que as dúvidas oriundas deste primeiro módulo foram sanadas, mesmo tendo apresentado uma boa repercussão devido ao fato de muitos professores não terem acesso à internet.

Questão D – Os professores foram indagados sobre: Os temas abordados foram suficientes para o esclarecimento de suas dúvidas? Em resposta á indagação, obtivemos os seguintes resultados, dispostos na figura 25:

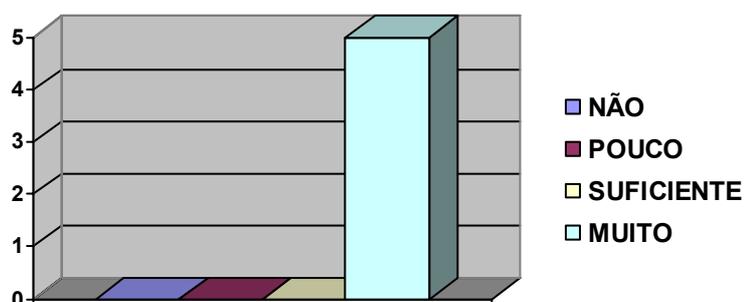


Figura 25 - Temas abordados e o esclarecimento de dúvidas no módulo 1.

Por meio destas respostas infere-se que os temas abordados neste módulo foram relevantes no que diz respeito a esclarecer dúvidas que tenham surgido, contendo em maior número de integrantes do que no módulo inicial. O fato de possuir uma abrangência de oportunidades por se tratar de internet, despertou grande interesse por parte do grupo.

Questão E – Os professores foram convidados a responder sobre: O tempo destinado ao módulo foi satisfatório? A contribuição permitiu construir a figura 26:

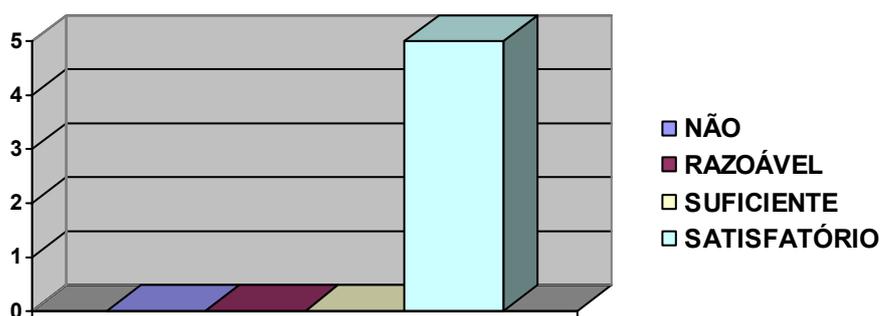


Figura 26 – Satisfação com relação ao tempo do módulo 2.

Esta questão leva a crer que a duração de 4 horas do módulo não se tornou cansativa e ao mesmo tempo foi capaz de suprir as necessidades do grupo, mesmo mediante o interesse que foi possível detectar nas participantes devido ao fato de

perceberem que a internet pode ser uma grande ferramenta de auxílio na preparação de suas aulas.

5.7.3 Módulo 3

Neste módulo, iniciou-se o tema principal (TDA/H) com informações sobre o seu histórico, demonstrando assim que não é um tema recente mas sim que já é conhecido a anos embora com nomes diferentes.

Questão A – Os professores foram indagados sobre a seguinte questão: Como você se sentiu neste módulo? Em resposta obtivemos os seguintes resultados observáveis na figura 27:

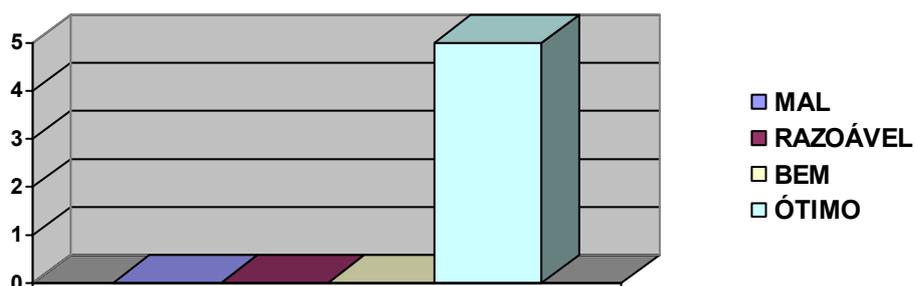


Figura 27 – Sentimento pessoal no módulo 3.

De forma geral o grupo informou ter se sentido bem no que diz respeito à aceitação do módulo e aplicação do mesmo, da mesma forma que ocorreu nos primeiros módulos.

Questão B – Foi feito o seguinte questionamento aos professores: Os conteúdos apresentados foram pertinentes ao tema em questão? Como resposta, obtivemos os seguintes resultados, dispostos na figura 28:

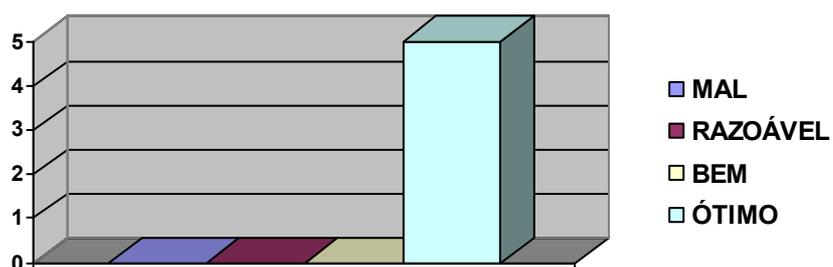


Figura 28 – Pertinência dos conteúdos no módulo 3.

O grupo por intermédio das respostas, demonstrou concordar com a pertinência dos conteúdos neste módulo.

Questão C – Ao indagar os professores sobre: Suas dúvidas foram esclarecidas? As contribuições obtidas foram, descritas na figura 29:

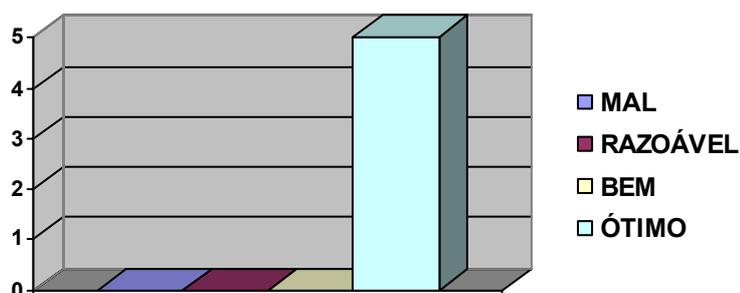


Figura 29 – Esclarecimento de dúvidas no módulo 3.

A incidência destas respostas leva a inferir que as dúvidas oriundas deste módulo foram sanadas.

Questão D – Os professores foram questionados sobre: Os temas abordados foram suficientes para o esclarecimento de suas dúvidas? Em resposta obtivemos os seguintes resultados, demonstrados na figura 30:

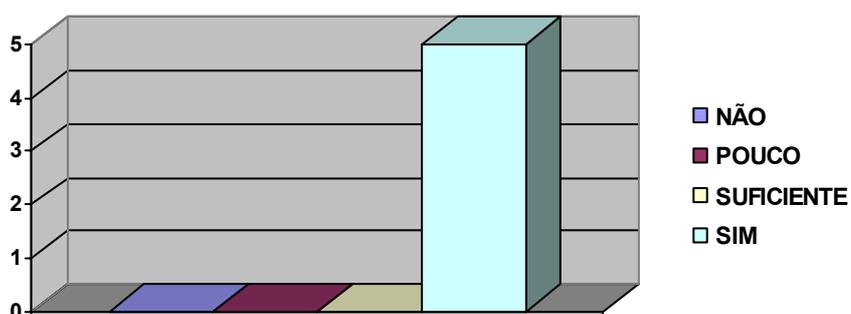


Figura 30 – Temas abordados e o esclarecimento de dúvidas no módulo 3.

Por meio destas respostas infere-se que da mesma forma que nos módulos anteriores, os temas abordados neste módulo foram relevantes no que diz respeito a esclarecer dúvidas que tenham surgido.

Questão E - Ao indagar os professores sobre: O tempo destinado ao módulo foi satisfatório? Os resultados obtidos foram dispostos na figura 31:

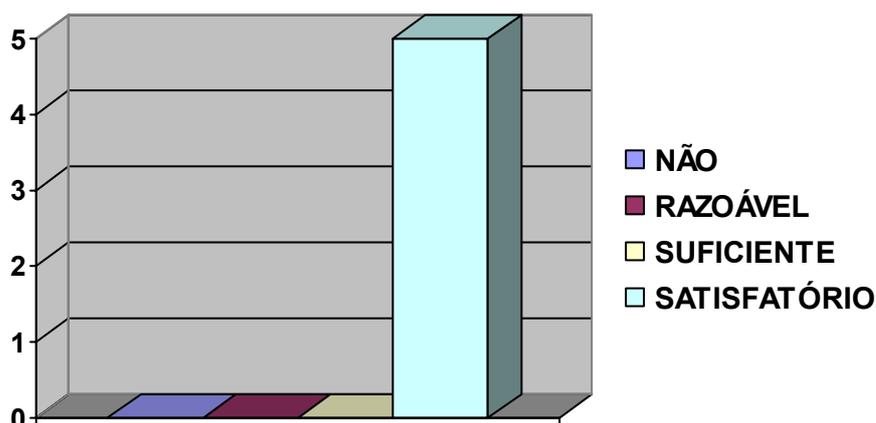


Figura 31 - Satisfação com relação ao tempo do módulo 3.

As respostas, de forma geral levaram a crer que o tempo foi suficiente às necessidades do grupo.

5.7.4 Módulo 4

Este módulo como fechamento procurou discutir assuntos atuais sobre o TDA/H e instigar o grupo a continuar aprofundando seus conhecimentos com buscas freqüentes e divulgar estes conhecimentos entre o grupo de forma colaborativa.

Questão A – Os professores foram convidados a responder a seguinte questão: Como você se sentiu neste módulo? Em resposta a este questionamento obteve-se as respostas descritas na Figura 32:

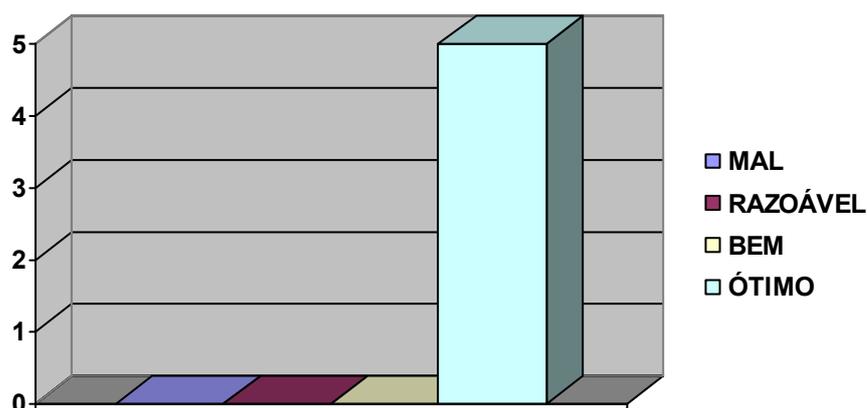


Figura 32 – Sentimento pessoal no módulo 4.

De forma geral o grupo informou ter se sentido bem no que diz respeito a aceitação do módulo e aplicação do mesmo, da mesma forma que ocorreu nos módulos anteriores.

Questão B – Os professores foram indagados sobre: Os conteúdos apresentados foram pertinentes ao tema em questão? As respostas a esta questão permitiram construir a Figura 33:

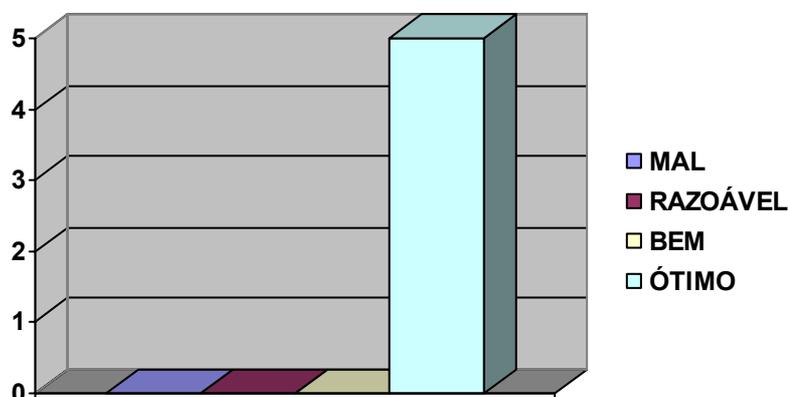


Figura 33 – Pertinência dos conteúdos no módulo 4.

O grupo através das respostas demonstrou concordar com a pertinência dos conteúdos neste módulo.

Questão C – Perguntado aos professores sobre: Suas dúvidas foram esclarecidas? As contribuições obtidas podem ser observadas na Figura 34:

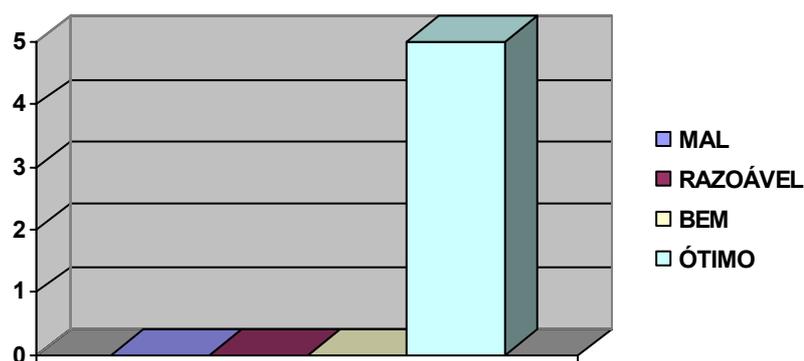


Figura 34 – Esclarecimento de dúvidas no módulo 4.

A incidência destas respostas nos leva a crer que as dúvidas oriundas deste módulo foram sanadas, assim como no anterior que despertou interesse no grupo a ponto de neste módulo, comentarem sua evolução durante o tempo entre o módulo anterior e este. (mostrando pesquisas que fizeram via internet)

Questão D – Questionados sobre: Os temas abordados foram suficientes para o esclarecimento de suas dúvidas? Os professores responderam de maneira a construir a figura 35:

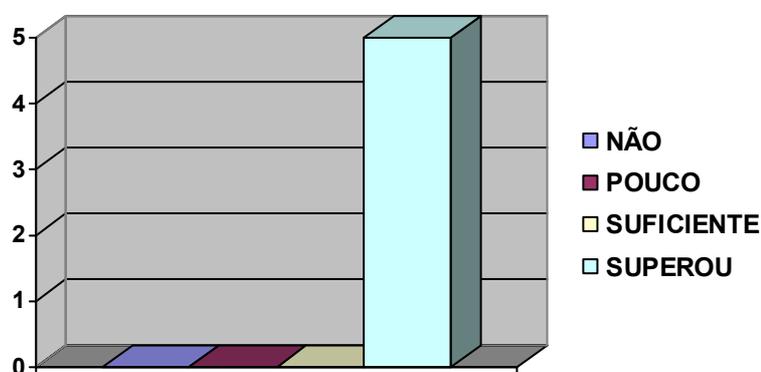


Figura 35 – Temas abordados e o esclarecimento de dúvidas no módulo 4.

Por meio destas respostas acredita-se que da mesma forma que nos módulos anteriores, os temas abordados neste módulo foram eficientes no que diz respeito a esclarecer dúvidas que tenham surgido.

Questão E – Ao questionar-mos os professores sobre: O tempo destinado ao módulo foi satisfatório? Obtivemos os resultados contidos na figura 36:

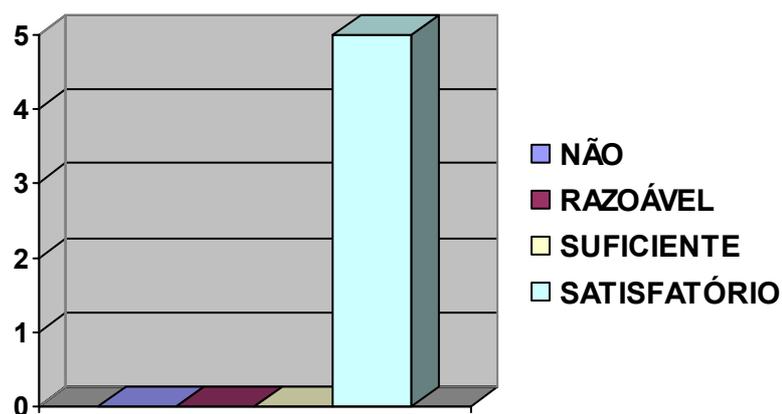


Figura 36 – Satisfação com relação ao tempo do módulo 4.

As respostas, de forma geral levaram a crer que o tempo foi suficiente às necessidades do grupo.

5.8 COMENTÁRIOS GERAIS DA PESQUISA

O grupo informou ter se sentido bem no que diz respeito à aceitação da capacitação e aplicação da mesma. Inclusive por intermédio de seus relatos informais demonstraram empolgação ao comentar a capacitação para outras professoras que não foram liberadas pela direção.

Professoras estas que questionaram outra oportunidade para participarem, visto que a direção liberou apenas algumas professoras devido à falta de funcionários. Decisão esta que ficou a critério da própria direção.

Os recursos de busca na internet e a aprendizagem colaborativa foram essenciais para o desenvolvimento dos módulos de forma a enriquecer a forma dos mesmos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sucesso de uma Instituição escolar depende de sua capacidade em assimilar as novas tendências mundiais de ensino/aprendizagem e acompanhar as mudanças decorrentes dessas novas tendências.

O emprego da metodologia de ensino/aprendizagem na modalidade de aprendizagem colaborativa com a utilização da tecnologia, em especial, da internet, na temática TDA/H não assegura melhorias nem lucratividade, entretanto, leva à minimização dos problemas concernentes vivenciados na tarefa de educar e aprender, realizadas no dia-a-dia das escolas. A Instituição educacional deve estar preparada culturalmente para reagir de forma flexível ao mercado e promover contínuas mudanças no sentido de melhorar seus serviços ofertados aos alunos com TDA/H.

Uma vez considerados fatores que ameaçam o bom andamento de aprendizagem por alunos com TDA/H e adotada medidas saneadoras pelo professor, garantirão o sucesso do emprego da metodologia de ensino/aprendizagem na modalidade de aprendizagem colaborativa numa instituição educacional.

Levando-se em consideração que a aprendizagem colaborativa

... pressupõe um ambiente de aprendizagem aberto em que o aluno se envolve a “fazer coisas e a refletir sobre o que faz” sendo-lhe dada a oportunidade de pensar por si mesmo e de comparar o seu processo de pensamento com o dos outros, estimulando assim o pensamento crítico (TORRES et al., 2004, p. 3).

Ou seja, a aprendizagem colaborativa deve acontecer num ambiente liberal, que possibilite ao aluno a oportunidade de refletir e criticar sobre os temas propostos de maneira autônoma, ao mesmo tempo em que pode comparar sua opinião frente a outras do grupo, sem que aja algum tipo de constrangimento ou cerceamento por parte do professor. É que recorremos a Siqueira (2003, p. 23) quando diz que:

A aprendizagem colaborativa é um processo de reavaliação que ajuda os estudantes a se tornarem membros de comunidades de conhecimento cuja propriedade comum é diferente daquelas

comunidades a que já pertence. Assume, portanto, que o conhecimento é socialmente constituído e que a aprendizagem é um processo sociolingüístico.

Considerando fatores de melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem como: (a) emprego da metodologia de aprendizagem colaborativa na Escola; (b) elaboração de um instrumento de rotinas e de procedimentos capazes de nortear o trabalho junto aos professores; e (c) atendimento aos alunos portadores do TDA/H, acredita-se que por meio desses aspectos, um número maior de alunos será atraído para as Escolas, que utilizam serviços que levem seus alunos a se tornarem cidadãos realizados e não discriminadas pela sociedade como um todo.

Uma vez que a patologia de Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade é altamente discriminatória e excludente, pois acaba por criar rótulos que maculam a criança no meio em que vive, marcando-a de tal forma que o próprio indivíduo acaba por se excluir na tentativa de amenizar seu sofrimento.

Na infância o TDA/H leva a conflitos familiares, pois por falta de informação muitas vezes os pais não estão preparados para o convívio com o próprio filho, taxando-os de mal educados, endiabrados, desconcertantes e irritantes. Na escola, não é diferente, o aluno portador do TDA/H em geral apresenta-se como indisciplinado, teimoso, mal educado, insolente. Tal como os pais, os professores em muitas vezes, não estão preparados para reconhecer um portador do TDA/H, assim, acabam também por rotular estes alunos de forma conotativa, como consequência disto os colegas de classe automaticamente se afastam do aluno com TDA/H causando-lhe isolamento, num movimento inconsciente de discriminação espontânea (COLL et al., 1995; RHODE, 1999; CYPEL, 2000; PEREIRA et al., 2005).

Cabe lembrar que, o ponto crucial da patologia TDA/H reside na capacidade de aprendizagem do aluno. Este apresenta significativa dificuldade de concentrar-se, realizar tarefas solicitadas, de permanecer na carteira por longo período. Já que estímulos externos por vezes acabam por distrair a atenção do aluno com TDA/H, dificultando-lhe a concentração. Outros padrões de comportamento são relevantes, é que em alguns casos pode ser observado um aparente cansaço (sono), imaturidade, interesses regressivos, falta de limites e ou atitudes de desafio, recusa,

descompromisso, lentidão e agressividade (COLL et al., 1995; RHODE, 1999; CYPEL, 2000).

Por meio desta pesquisa, percebeu-se que embora o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade afete um grande número de indivíduos, especialmente crianças e adolescentes, este problema não é novo, mas recentemente vem ocorrendo alguns avanços nesta área em vista das novas tecnologias. Desta forma, é possível defini-lo como um transtorno e estabelecer quais são os seus sintomas e como se manifestam. Os tratamentos psicoterapêuticos e medicamentosos, bem como, intervenções metodológicas educativas, permitem que o indivíduo possa ter uma vida estável, especialmente se o diagnóstico for feito na primeira infância.

Como educadores, temos de saber identificar o aluno com TDA/H, e reconhecer seus talentos, orientar suas atividades, promover seus interesses, estimular sua participação na sociedade, criar um ambiente adequado ao seu desenvolvimento. Para tanto, a aprendizagem colaborativa, surge como uma metodologia inovadora, capaz de propiciar interação e inclusão dos alunos com TDA/H, pois o TDA/H não escolhe classe social, sexo ou raça.

Assim, por meio desta pesquisa em relação aos fatores que justificam o emprego da metodologia de ensino/aprendizagem na modalidade de aprendizagem colaborativa com a utilização de tecnologia, em especial a internet, na Escola, conclui-se que, uma vez elaborado um instrumento de procedimentos capaz de nortear a formação de professores, bem como, os procedimentos didáticos que este deve adotar no ensino de alunos com TDA/H que a procuram, este processo de melhoria da qualidade de ensino deverá atrair um número maior de pais de alunos especiais, na intenção de lhes garantir uma melhoria na sua qualidade de vida, enquanto cidadãos capazes de aprender e desempenhar tarefas a eles solicitadas.

Após análise do trabalho realizado na instituição, pode-se perceber que existia a falta de informação de professores sobre o assunto TDA/H e, durante a análise dos dados tabulados em questionários aplicados foi possível elaborar e aplicar quatro módulos de capacitação sobre o tema TDA/H.

Os módulos tiveram os seguintes temas: aprendizagem colaborativa, noções de computação voltada à busca via internet, histórico do TDA/H e descrição e trabalhos atuais voltados ao TDA/H.

O grupo de professoras, autorizadas pela direção a participar dos módulos, contribuiu de forma positiva demonstrando, através de seus relatos, aceitação pela aprendizagem colaborativa além de interesse e assimilação do conteúdo.

Os comentários informais dos integrantes aliados aos dados da pesquisa sugerem a obtenção dos objetivos desta pesquisa, de forma a acreditarmos que a falta de informações sobre TDA/H por parte das professoras afeta seu trabalho além da produtividade e aceitação das pessoas com TDA/H.

A utilização da internet foi de extrema importância para alcançar os objetivos desta pesquisa além de facilitar a pesquisa e desenvolvimento dos profissionais capacitados, auxiliando sua visão de trabalho e ampliando seus horizontes de forma a adquirir maior quantidade e qualidade de conteúdos com maior facilidade.

Segundo, Faure (1993), in coletânea de técnicas de ensino:

O futuro será para quem souber reunir, na educação, as forças da crítica, da participação democrática e da imaginação aos poderes da organização operacional, científica e racional, a fim de valorizar os recursos latentes e as energias potenciais que residem nas camadas profundas das populações.

Para que isto possa ser atingido, acredito na utilização da aprendizagem colaborativa como forma de aprender a aprender, adaptar os conhecimentos à realidade das populações, fazendo com que a aprendizagem se torne mais valorizada e possa ser realmente útil a todas as classes sociais independentemente de cultura, religião ou quaisquer diferenças, indiretamente unindo grupos através dos recursos midiáticos e os seus interesses.

O trabalho ocorreu conforme o esperado, mas fica aqui a possibilidade de aplicação do mesmo, em uma amostragem maior com a finalidade de capacitar mais professores. Outra possibilidade é a de criar novos módulos de capacitação que possam ampliar o conhecimento dos professores a respeito do TDA/H e assuntos afins, visto que todo conhecimento relacionado à educação vem de forma direta ou indireta auxiliar no processo de ensino-aprendizagem.

Estas ou outras medidas futuras podem facilitar o trabalho dos professores em relação aos alunos com TDA/H, além de possibilitar um melhor aprendizado dos mesmos e aceitação destes pelos demais envolvidos em seu convívio.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Laura Monte Serrat. **A psicopedagogia no âmbito da instituição escolar**. Curitiba: Expoente, 2001.
- BARKLEY R. - **Defiant Children**. (2nd edition). New York: Guilford Press, 1995.
- BARROS, L. A. **Sistemas de suporte a ambientes distribuídos para aprendizagem cooperativa**. COPPE/UFRJ 1994. (Tese de Doutorado)
- BEHRENS, Marilda A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: BEHRENS, Marilda, MASETTO, Marcos, MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000.
- BEHRENS, Marilda A. **Paradigma da complexidade**. Campinas: Papyrus, 1999.
- BEHRENS, Marilda Aparecida et al. Paradigmas da ciência e o desafio da educação brasileira. **Revista Diálogo Educacional**, v. 6, n. 18, p. 183-194, maio/ago. 2006.
- BERBEL, Neusi Aparecida Navas; GIANNASI, Maria Julia. **Metodologia da problematização aplicada em curso de educação continuada e a distância / organização**. Londrina: Editora UEL, 1999.
- BIEDERMAN J, Micck E, Farone SV, Braaten E, Doyle A. **Influence of gender on attention deficit hiperaty disorder in children referred to a psychiatric clinic**, Am. J. Psychiatry, 159:36-42, January 2002.
- BROMBERG, Maria Cristina. **Palestra sobre o tema Transtorno ou Déficit de Atenção / Hiperatividade**, CENEP – Centro de Neuropediatria do Paraná, 2005
- CENTRO COLABORATIVO DA OMS PARA A CLASSIFICAÇÃO DE DOENÇAS EM PORTUGUÊS – DSM – CID 10 – Classificação estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à saúde. São Paulo: Ed. USP, 1997.
- COLETÂNIA de técnicas de ensino: o repensar do processo / aprendizagem. Curitiba: Champagnat, 1993.
- COLL, César; PALACIOS, Jesus; MARCHESI, Álvaro. **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- COSTA, L. A. Carvalho da; FRANCO, S. R. Kielinf. **Aprendizagem colaborativa na educação a distância: aspectos teóricos, estratégias pedagógicas e experiências realizadas**. Artigos [online], 2006. Disponível em: <http://cinted.ufrs.br>. Acesso em: 08 jul. 2007.
- CYPEL, Saul. **A Criança com déficit de atenção e hiperatividade: atualização para pais, professores e profissionais de saúde**: Saul Cypel. São Paulo, SP: Lemos, 2000.

DAGA, Amélia Bortoli; ALCÂNTARA, Paulo Roberto. **Políticas educacionais e a formação continuada no processo de ensino-aprendizagem.** Anais do VI EDUCERE – Congresso Nacional da Área de Educação, 2006, PRÁXIS, Curitiba, PR: Editora Universitária Champagnat. V. 1 n. 1 p.1291-1301.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à psicologia:** São Paulo, SP: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

DILLENBOURG, P. What do you mean by collaborative learning? In: DILLENBOURG, P. (Ed.). **Collaborative-learning:** cognitive and computational approaches. Oxford: Elsevier, 1999.

DSM-IV **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais do DSM-IV.** 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FERREIRA-ALVES, Fernando. Uma experiência de aprendizagem colaborativa: contributos para repensar o ensino da tradução. **Confluências: Revista de Tradução Científica e Técnica**, n. 2, p. 1-9. Disponível em: <http://confluencias.net/n2/ferreira-alves.html>. Acesso em: 01 jul. 2007.

HALLOWELL, Edward M. **Tendência à distração: identificação e gerência do distúrbio do déficit de atenção (DDA) da infância à vida adulta.** Tradução André Carvalho; revisão técnica Gilberto Ottoni de Brito. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1999.

JOHNSON, Dan. **Vida a dois. Vida solitária.** São Paulo: Mercuryo, 1991.

KINCHELOE, J. L. **A Formação do professor como compromisso político.** Tradução de Nize Maria Campos Pellanda. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MELLO, G. N. **Magistério de 1º grau:** da competência técnica ao compromisso político. São Paulo, SP: Cortez, 1982.

MELLO, Márcia Homem de. **Depoimento de uma leitora dessa página, portadora de TDAH, mãe de um adolescente também com TDAH.** Disponível em: <http://www.homemdemello.com.br/psicologia/tdadepoimento.html>. Acesso em: 24 maio 2007.

OMS. Organização Mundial da saúde. **Classificação dos transtornos mentais e comportamentais do CID-10:** descrição clínica. Tradução de Dorgival Caetano. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

PEÑA, Maria De Los Dolores Jimenes. **Ambientes de aprendizagem virtual: o desafio á prática docentes.** In: FORUM DE EDUCADORES - EDUCADOR VIRTUAL,1., São Paulo, 2004. **Anais**, São Paulo, SP: SENAC, 2004.

PERRENOUD, Philippe **A prática reflexiva no ofício de professor:** profissionalização e razão pedagógica. Tradução de Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PROL, L. C. A.; NETTO, F. C. de S.; CASTRO, M. P. **Aprendizagem colaborativa.** Disponível em: <http://www.projeto.org.br/mapas/gac.htm>. Acesso em: 30 abr. 2004.

RHODE, Luis Augusto; BENCZICK E. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: o que é? Como ajudar?** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos. **Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

SANTOS, Resciel Gerson. A aprendizagem colaborativa e as inteligências múltiplas. In: EDUCERE – Congresso de educação da PUCPR. Curitiba, 2006. **Anais...** Curitiba: Champagnat, 2006.

SANTOS, Welington Tavares dos; Matos, Elizete Lúcia Moreira. **Tecnologias da informação e comunicação na formação do professor de música.** 2006. Dissertação (Mestrado em educação) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2006.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Como chamar as pessoas que têm deficiência.** São Paulo, SP: RNR, 2003.

SIQUEIRA, L. M. M. **A Metodologia de aprendizagem colaborativa no programa de eletricidade no curso de engenharia elétrica.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2003.

SUZUKI, Simone. O equilíbrio em crianças em idade escolar com transtorno de déficit de atenção / hiperatividade. **Fisioterapia em Movimento**, Curitiba, v. 18, n 3, p. 49 – 54, jul/set. 2005.

TECNOLOGIA Educativa. **Aprendizagem colaborativa assistida por computador.** Disponível em: <http://www.minerva.uevora.pt/cscl/index.htm#Aproximação>. Universidade de Évora, Acesso em: 15 jun. 2007.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo, SP: Cortez, 2004.

TOPCZEWSKI, A. **Hiperatividade: como lidar?** São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 1999.

TORRES, Patrícia Lupion; ALCÂNTARA, Paulo R.; IRALA, Esrom A. F. **Grupos de consenso: uma proposta de aprendizagem colaborativa para o processo de ensino-aprendizagem= Consensual groups: a collaborative learning proposal for the teaching-learning process.** Revista Diálogo Educacional, Curitiba: v. 4, n. 13, p. 129-145., set. / dez. 2004.

TORRES, P. L.; MARRIOTT, R. C. V. **Tecnologias educacionais e educação Ambiental: uso de mapas conceituais na aprendizagem.** Curitiba: FAEP, 2005.

VALASKI, Suzana. **A aprendizagem colaborativa com uso de computadores; uma proposta para a prática pedagógica.** Curitiba: 2003. 107 f .Dissertação Mestrado em Educação) – Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

VALASKI, Suzana; ALCÂNTARA, Paulo R.; Pontifícia Universidade Católica do Paraná. **A aprendizagem colaborativa com o uso de computadores: uma proposta para a prática pedagógica.** 2003. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba: 2003

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: M. Fontes, 1987.

APÊNDICES

APÊNDICE A: CARTA À DIRETORIA.

Curitiba, 25 de outubro de 2006.

À

Att: Direção

Prezado Diretor

Venho através desta apresentar-me, sou **Rogério Basztabin**, psicólogo, formado pela PUC-PR – e aluno do **Programa de Pós-Graduação em Educação** (Mestrado de Educação) na **Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC-PR**.

No curso de Mestrado ingressei-me na linha de pesquisa Teoria e Prática Pedagógica na Formação de Professores, e proponho junto ao meu orientador o **Prof. Dr. Paulo R. Alcântara** uma pesquisa sobre: o Transtorno ou Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), que objetiva detectar o nível de conhecimento dos professores a este respeito e baseado nesta informação elaborar um curso de capacitação que possa sanar possíveis dúvidas e enriquecer o conhecimento dos mesmos a este respeito.

Ciente do quanto o nosso tempo é escasso e da importância de sua participação e de outros professores na pesquisa, solicito a sua permissão e colaboração na realização de um questionário para o senhor e seus professores. Acredito que não utilizarei muito tempo para este trabalho. Gostaria de enfatizar que o anonimato será garantido, assim como o repasse dos resultados obtidos na pesquisa

Certo de sua compreensão e ajuda, agradeço o pronto atendimento a este pedido, subscrevo-me e coloco-me a inteira disposição para qualquer esclarecimento.

Cordialmente,

Rogério Basztabin
Fone: 84313793
e-mail: basztabin@uol.com.br

Prof. Dr. Paulo R. Alcântara
Fone: 3271-1655
e-mail: paulo.alcantara@pucpr.br

APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____,
concordo com a minha participação na pesquisa sobre o Transtorno ou Déficit de
Atenção / Hiperatividade (TDAH), elaborada pelo mestrando Rogério Basztabin, que
tem como objetivo conhecer melhor o conhecimento dos professores à respeito do
assunto para posterior elaboração de um curso de capacitação, capaz de sanar
dúvidas e enriquecer o conhecimento dos mesmos à respeito do TDAH.

As informações por mim prestadas poderão ser utilizadas em disseminações
profissionais e publicações, ficando, porém garantidos o sigilo e o anonimato sobre
minha pessoa. Fica a mim reservado o direito de desistir da participação nesta
pesquisa, caso considere necessário, bem como não responder a alguns dos
questionamentos que me sejam dirigidos.

Assinatura

Curitiba, _____ de _____ de 2006.

APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO INICIAL AOS PROFESSORES

Cara (o) Professora (or):

A finalidade deste questionário é detectar o seu nível de conhecimento a respeito do TDAH. Por meio deste, você terá a oportunidade de expressar suas dúvidas e opiniões sobre TDAH.

Em uma primeira etapa você irá encontrar questões objetivas, nas quais apenas uma delas estará correta, a mesma devendo ser marcada com um **X** legível. As alternativas variam do nunca até o muito de forma crescente. O número **0** significa discordância total, o numero **1** concordância parcial, **2** concordância e **3** concordância total. Para cada pergunta marque apenas uma das alternativas. Na segunda etapa constaram questões abertas onde você poderá se expressar com suas próprias palavras de forma resumida e legível.

Se você mesmo após tiver respondido todo o questionário, achar que ainda pode contribuir com **sugestões** ou **dúvidas** escreva-as no final do questionário, no lugar reservado para elas.

	nunca	pouco	razoável	muito
1. Você já ouviu falar sobre TDAH?	0	1	2	3
2. Presenciou algum caso de TDAH?	0	1	2	3
3. Atualmente convive com casos de TDAH?	0	1	2	3
4. Já ouviu falar de algum tratamento?	0	1	2	3
5. Possui alguma dúvida sobre TDAH?	0	1	2	3
6. Procurou saber mais sobre TDAH?	0	1	2	3
7. Em sua escola existiram ou existem informações sobre TDAH?	0	1	2	3
8. Conhece pessoas que saibam pouco sobre TDAH?	0	1	2	3
9. Pessoas com TDAH influenciam a sala de aula?	0	1	2	3
10. Sua escola pode se adaptar as necessidades de pessoas com TDAH?	0	1	2	3
11. Já presenciou algum preconceito com relação ao TDAH?	0	1	2	3
12. Gostaria de saber mais sobre TDAH?	0	1	2	3
13. Sua escola permitiria uma capacitação a respeito de TDAH?	0	1	2	3
14. A seu ver essa capacitação poderia facilitar seu trabalho?	0	1	2	3

APÊNDICE D: SUGESTÃO DE SITES INFORMATIVOS PARA PROFESSORES.

www.aomestrecomcarinho.com.br site destinado exclusivo aos professores. Aborda temas de cidadania, sexualidade, dentre outros. O site também possui uma página dedicada a informar sobre a carreira destes profissionais e o que está acontecendo em sua área.

www.mec.gov.br Ministério da Educação.

www.novaescola.com.br site educacional onde você encontra todas as reportagens da Revista Nova Escola, fóruns para debates questões educacionais, bate papos com professores e profissionais da área, agenda de eventos, plano de aula, informações pedagógicas e bibliotecas.

www.estudefacil.com.br site com informações sobre educação em geral. Traz dicas de cursos inovadores, notícias atualizadas sobre a área educacional e artigos relacionados com o tema.

www.educacaoonline.pro.br utiliza a informática e a internet para trazer aos professores e aos educadores o que de mais recente tem acontecido no campo educacional no mundo. O site disponibiliza diversos artigos, fórum de discussão e matérias relacionadas com o tema.

www.educacional.com.br site com espaço exclusivo para o educador. Traz dicas sobre temas trabalhados em sala de aula, redação on-line, relato de experiência de profissionais da área educativa e encaminhamento metodológicos.

www.educacaosuperior.inep.gov.br site voltado para a educação superior. Traz informações sobre as instituições de ensino superior, as avaliações oficiais dessas instituições e a situação legal dos cursos, incluindo também informações sobre o financiamento estudantil.

www.educacao.gov.br este site traz os principais indicadores de educação, níveis de ensino, modalidades e a organização educacional completa do país.

www.educarede.org.br voltado para rede pública de ensino. Reúne material de diversa disciplina que podem ser usados pelos professores em sala de aula, contendo também uma revista eletrônica sobre ensino.

www.prof.com.br traz artigos de especialistas e tem como destaque a seção "jornal da sua escola", um modelo de jornal previamente diagramado, com layout, para download.

www.abrapia.org.br site da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência. Pública conteúdo sobre pesquisas e informações diversas sobre a criança e adolescente (português e inglês).

APÊNDICE E: QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO MÓDULO.

a) Como você se sentiu neste módulo?

Mal Razoável Bem Ótimo

b) Os conteúdos apresentados foram pertinentes ao tema em questão?

Mal Razoável Bem Ótimo

c) Suas dúvidas foram esclarecidas?

Mal Razoável Bem Ótimo

d) Os temas abordados foram suficientes para o esclarecimento de suas dúvidas?

Não Pouco Suficiente Sim

e) O tempo destinado ao módulo foi satisfatório?

Não razoável Suficiente Satisfatório

f) A seu ver, que outros temas devem ser abordados?

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)